

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Taíse Ohana Silva Salomão

O MISTÉRIO ALÉM DA MÁSCARA:
A FESTA DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS E JARAGUÁ –
UM CONTEXTO EM TRANSFORMAÇÃO

Monografia submetida ao curso de Ciências
Sociais, habilitação Sociologia, da
Universidade de Brasília para a obtenção do
grau de bacharel em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariza Veloso

Brasília

2013

Taíse Ohana Silva Salomão

**O mistério além da máscara:
A Festa do Divino em Pirenópolis e Jaraguá –
Um contexto em transformação**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, habilitação Sociologia, e aprovada em sua forma final.

Brasília, 19 de fevereiro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Mariza Veloso
Orientadora
Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª. Maria Angélica Madeira
Universidade Brasília

Dedico este trabalho a meus pais, Terezinha e Gaspar, por terem feito o melhor que puderam.

Também dedico ao Erasmo, meu companheiro de vida e luta, por ter me ajudado a ser mais forte.

À companheira Maraci, que sabe o quanto me ajudou a chegar até aqui.

E ao Professor Wilson Venâncio, por ter me dito algo que nunca esqueci.

Enfim, dedico a todos que, acreditando em mim, me ajudaram a acreditar também.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Mariza Veloso, minha orientadora, por acreditar neste projeto e confiar que eu pudesse levá-lo adiante com bastante liberdade.

Também agradeço às Professoras Lourdes Bandeira e Haydée Caruso, por me contagiarem com o amor à pesquisa empírica.

E agradeço ao Professor Eurico Cursino, pelo importante auxílio concedido no início dessa jornada.

Agradeço também à Secretaria do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, e em especial à Luciana Leite, sempre atenciosa e fonte de boas notícias.

E não posso deixar de mencionar as amigas Ranna, Maria Emília, Luiza, Renata, Keiko e Mara Rubia, que de diferentes maneiras contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ainda, agradeço a todos os pirenopolinos e os jaraguenses que me permitiram acessar a riqueza de sua cultura, e com isso proporcionaram a mim uma experiência desafiadora e imensamente gratificante.

O que garante ainda tal singularidade simbólica é o enraizamento dessas manifestações culturais num repertório social vivenciado coletivamente, o que proporciona a atribuição de sentido à vida social de modo visceral e não apenas artificial.

(VELOSO, 2006).

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a natureza do conflito suscitado pela edição de uma norma impessoal e geral que determinou o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis/GO. Para alcançar esse fim, decidiu-se: 1) verificar a existência de dados estatísticos que embasassem a adoção da norma; 2) realizar um diagnóstico do posicionamento de moradores de diferentes faixas etárias a respeito da norma em questão; 3) identificar, a partir dos moradores, os principais problemas da “Pirenópolis de hoje” e compreender quais são suas causas e consequências; 4) tentar captar a noção dos habitantes da cidade a respeito de mudanças no significado das Cavalhadas. Os dados que fundamentaram este trabalho foram obtidos a partir de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, através de visitas às cidades de Pirenópolis e Jaraguá, no Estado de Goiás, onde foram feitas observações, aplicação de questionários e realização de entrevistas com foco em perceber o sentido que diferentes atores atribuem a sua vinculação às Cavalhadas. Esse evento ritual, de caráter integrador, vem ocorrendo há gerações nas duas cidades e é notável a maneira como mobiliza um grande contingente de pessoas ao longo do ano, seja em preparativos, treinos ou expectativas. Criou-se socialmente uma rede de significados em torno de sua concretização. Porém, as duas cidades vem operando de forma diversa uma mesma questão: o cadastramento dos mascarados nessa festividade. Pirenópolis, hoje fortemente voltada para o turismo, se sustenta simbólica e materialmente pela manutenção de tradições. Porém, os dados obtidos na pesquisa revelam a existência de transformações em curso nessa sociedade. Assim, o conflito em questão estaria relacionado à dificuldade em aceitar as mudanças nesse contexto tão marcado pelo apelo tradicional. Nesse palco de lutas, novos atores emergem e diversas são as estratégias implementadas no sentido de, em nome da preservação de uma identidade, tentar fixar uma realidade que é dinâmica.

Palavras-chave: Pirenópolis, Cavalhadas, mascarados, tradição, ritual, transformações sociais.

ABSTRACT

This research is aimed at comprehending the nature of the conflict aroused by the edition of an impersonal and general norm which determined the register of the masked in the *Cavalhadas of Pirenópolis/GO*. In order to attain this goal, it was decided: 1) to verify the existence of statistical data which supported the norm adoption; 2) to make a diagnosis of the position of residents with different age ranges regarding the norm in question; 3) to identify, from the residents' perspective, the main problems of the "today Pirenópolis" and comprehend which its causes and consequences are; 4) to try to grasp the city residents' notion regarding the changes in meaning as for the *Cavalhadas*. The data which founded this study were obtained from bibliographical research and field research, through visits to the cities of Pirenópolis and Jaraguá, in the State of Goiás, where observations were made, questionnaires completed and interviews conducted, focusing on understanding the meaning which different actors attribute to their link with the *Cavalhadas*. This ritual event, integrating in character, has been occurring for generations in both cities and it is noticeable the manner in which it assembles a large contingent of people throughout the year, whether in preparations, training or expectations. A framework of meanings surrounding its accomplishment has been socially created. However, both cities have been operating a common issue in distinct ways: the register of the masked in this festival. Pirenópolis, strongly riveted on tourism today, sustains itself symbolically and materially through the maintenance of traditions. However, data obtained in this research reveal the existence of ongoing transformations in that society. Thus, the conflict in question would be related to the difficulty in accepting the changes in this context deeply marked by a craving for tradition. In this fight ring, new actors emerge and many are the strategies implemented in order to, in the name of the preservation of an identity, try to fix a reality which is dynamic.

Keywords: Pirenópolis, Cavalhadas, masked, tradition, ritual, social transformations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1** – Igreja Matriz de Pirenópolis – GO, 2012. Página 29.
- 2** – Igreja de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá – GO. Página 30.
- 3** – Mascarados cadastrados nas Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Página 32.
- 4** – Camarotes no campo das Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Página 38.
- 5** – Bebendo sem tirar a máscara. Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Página 40.
- 6** – “Carroças de som”. Jaraguá – GO, 2012. Página 41.
- 7** – Vista do “Cavalcódromo” durante as Cavalhadas. Pirenópolis - GO, 2012. Página 44.
- 8** – Mascarados durante o “Hino do Divino”. Pirenópolis - GO, 2012. Página 56.
- 9** – Mascarados desfilando no “Cavalcódromo”. Pirenópolis – GO, 2012. Página 57.
- 10** - Pequeno mascarado no “Cavalcódromo”. Pirenópolis – GO, 2012. Página 60.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – RAÍZES.....	8
1.1 HISTÓRIA DE GOIÁS.....	8
1.2 HISTÓRIA DE PIRENÓPOLIS.....	13
1.3 HISTÓRIA DE JARAGUÁ.....	16
CAPÍTULO 2 – A TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	22
2.1 COMPREENDENDO O OBJETO.....	23
2.2 METODOLOGIA.....	26
2.3 PESQUISA EMPÍRICA – PRIMEIRA ETAPA.....	27
2.3.1 PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES.....	28
2.4 PESQUISA EMPÍRICA – SEGUNDA ETAPA.....	38
2.5 PESQUISA EMPÍRICA – TERCEIRA ETAPA.....	52
CAPÍTULO 3 – SOBRE SER MASCARADO.....	53
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA.....	60
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	60
4.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	75
ANEXOS.....	78

INTRODUÇÃO

O surgimento de um tema de pesquisa pode se dar nas mais inusitadas situações. Surpreendentes *insights* podem nascer da leitura de um livro, da conversa com pessoas, da contemplação da natureza, do silêncio de uma tarde vazia. Onde quer que exista uma mente inquieta, pode surgir um tema a ser pesquisado. Esse tema pode nascer do lado de dentro dos muros da universidade, e muitas vezes nasce, ou pode nascer do lado de fora, em meio ao que chamamos de senso comum, paixões, miséria, ilusão. De onde quer que ele venha, é fácil saber quando chega, pois mesmo que se esteja em meio à festa de uma multidão, de repente se faz o silêncio e olhamos em volta e tudo parece se movimentar bem devagar. Os temas estão por aí, flutuando entre os milhares de signos a que estamos expostos. O que se faz é captá-los. E mesmo o mais simples deles pode surpreender àquele que o retém e acredita que pode se tornar uma pesquisa de valor. Foi assim que este trabalho surgiu.

Como a luz branca que atravessa o prisma se desdobra em um conjunto de cores antes invisíveis, o foco em um fenômeno aparentemente simples pode permitir a análise de uma série de fatores relevantes para a compreensão de uma realidade social. Nesse sentido, o que se pretendeu com o presente estudo foi compreender a natureza do conflito suscitado a partir da edição de uma norma impessoal e geral que determinou o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis. Esse fenômeno, revestido de aparente simplicidade, é um fenômeno atual, em gestação, mas que possui forte vinculação com o passado e que, por sua dinâmica, certamente produzirá efeitos no futuro. Efeitos de natureza política, ideológica, econômica, identitária.

Investigar esse objeto significou, em primeiro lugar, empreender esforços no sentido de analisar o contexto social de atuação de um personagem: o mascarado. Porém, não se trata de um mascarado específico ou dos mascarados em geral, mas daquele que emerge da cultura popular brasileira e que tem como palco cidades em festa, onde se realizam as Cavalhadas como parte dos eventos em honra ao Divino Espírito Santo.

A “Festa do Divino”, como às vezes é chamada, é uma das mais importantes festas brasileiras de cultura popular. Expressão do catolicismo, está inserida no Ciclo de Pentecostes e é composta por diversos eventos de natureza religiosa e profana. Como exemplos de eventos integrantes dessa festividade em Pirenópolis podemos citar: Novenas, Alvoradas, Missas, Procissões, Tocatas, Pastorinhas, Folias, Contra-dança e Cavalhadas.

A realização da primeira Festa do Divino nessa localidade é atribuída ao Comendador da Costa Teixeira e teria ocorrido em 1819 (BRANDÃO, 1974, p. 62). Trazida ao Brasil pelos portugueses, se apresenta como uma festa fundada na reciprocidade e solidariedade, baseada em relações de parentesco e vizinhança. Essa festa tem como característica, tanto no Brasil quanto em Portugal, a função de agradecimento, de pagamento de promessas e caridade (PEREIRA; JARDIM, 1978, p. 9).

Com o passar do tempo, essa manifestação foi se consolidando de tal maneira que passou a ser encarada como evento constitutivo da identidade local. Isso resultou no registro, em 13/05/2010, da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como o segundo bem cultural de natureza imaterial inscrito no Livro de Registro de Celebrações do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). E de todas as manifestações que compõem a festa em Pirenópolis, a que mais interessa a este trabalho são as Cavalhadas, onde se manifestam os mascarados e evento cuja dinâmica vem sofrendo as consequências das normas de cadastramento.

Contextualizando, podemos apresentar as “Cavalhadas de Cristãos e Mouros de Pirenópolis” como evento integrador em que ritualmente, numa determinada época do ano, são encenadas dramatizações que contam a história de lutas pelo avanço da religião cristã, em oposição à religião islâmica. São um conjunto de carreiras equestres, combates que nessa cidade terminam sempre com o mesmo resultado que é a vitória dos cristãos.

Este folguedo folclórico representa uma rica oportunidade para reflexões, já que através dele podemos discutir como um acontecimento ritual permite, através das interações proporcionadas, a emergência de uma série de sentimentos e significados que em outros momentos da vida de uma sociedade talvez não fiquem tão explícitos. E, nesse universo, podemos percebê-lo como um evento altamente gerador de discursos, discursos carregados de desejo (FOUCAULT, 1996, p.10) os quais refletem o sentido que os indivíduos dão às suas participações nas festividades e o que elas representam num contexto maior.

No caso das Cavalhadas de Pirenópolis, pode-se também discutir em que medida a sobrevivência do ritual é possível, considerando-se que nesses quase dois séculos de existência a sociedade em que é inserido não permaneceu inerte a mudanças. Acredito mesmo que esse evento passa atualmente por uma ressignificação. Não só o evento, mas o meio que o comporta se encontra hoje diante de um impasse, que aborda a questão de ser o que se quer sem deixar de ser o que se é. Assim, acredito que analisar as diferentes categorias que

emergem das discussões relacionados ao cadastramento em Pirenópolis pode permitir uma discussão sobre um momento maior por que passa a cidade. Esse foi o desafio.

Propomos compreender a Cavallhada como um ritual e, segundo Peirano, pode-se entender os rituais como tipos especiais de eventos, de caráter estereotipado e formal, e por isso passíveis de análise, por se encontrarem recortados em termos de quem os vive. Eles possuem o sentido de ser um acontecimento cujo propósito é coletivo. Segundo ela, mesmo que eventos críticos e rituais possuam natureza semelhante, os últimos são mais estáveis, possuindo uma ordem que os estrutura, e cabendo ao observador treinado em rituais perceber sua natureza (PEIRANO, 2001, p.8).

Em Pirenópolis é notável a maneira como esse acontecimento mobiliza um grande contingente de pessoas ao longo do ano, seja em preparativos, treinos ou expectativas, e isso já acontece há quase dois séculos. Famílias inteiras construíram suas histórias e contribuíram para a construção da história local a partir de sua vinculação a esse acontecimento e aos sentimentos que sua concretização proporciona. Criou-se socialmente uma rede de significados em torno desse evento ritual, um compartilhamento de símbolos que durante as festividades se torna mais intenso e promissor.

Peirano acrescenta que lançar luz sobre rituais é tratar da ação social. E, quando essa ação se concretiza num contexto de compartilhamento de significados, então a comunicação entre indivíduos deixa visível classificações, antes veladas, entre seres humanos, entre humanos e natureza, ou entre humanos e deuses (ou demônios). Ela afirma ainda que a comunicação, mesmo que se faça por palavras ou atos, mantém seu objetivo como ação, assim como sua eficácia. E acrescenta que a linguagem é parte da cultura, sendo possível agir e fazer mediante palavras. Dessa maneira, a fala se apresenta como um ato de sociedade assim como o ritual, e a Antropologia acaba por incorporar, explícita ou implicitamente, uma teoria da cultura como linguagem (PEIRANO, 2001, p.9).

Assim, pode-se pensar a comunicação como um processo dinâmico e rico, mediado por muito mais que palavras. E é nesse contexto que se enquadram figuras que não podem faltar às Cavallhadas e que estarão no centro desta discussão: os Mascarados. Alves cita que eles reinam em meio ao Império do Divino e sua pesada liturgia, junto aos suntuosos cavaleiros mouros e cristãos. E afirma que ao meio-dia de sábado é possível vê-los sair às ruas a cavalo, sozinhos ou em grupos, em direção à Igreja Matriz onde, junto ao foguetório, o repique dos sinos e à banda tocando, noticiam o início da Festa do Divino. Ao longo dos dias

em que a festa dura, esses personagens coloridos serão vistos festejando por todos os lugares (ALVES, 2004, p.128).

Conhecidos pela irreverência, formam um conjunto barulhento que circula pela cidade fazendo palhaçadas ou em desatada correria durante a festa. Sua indumentária consiste de máscara e fantasia variada que cubra todo o corpo, de forma a não serem identificados. Sobre as máscaras, existem alguns motivos tradicionais, como boi e onça, feitas de papel, e há também as de tecido. Porém, hoje o uso de máscaras de borracha é bastante comum, o que não deixa de gerar discussões. Seu significativo uso é, em grande medida, atribuído a serem mais baratas. Entretanto, por serem de fácil aquisição no comércio, são consideradas por alguns como oportunidade de inserção de estranhos nas festividades.

Como mascarados, não raro homens se fantasiam de mulher e mulheres de homem, sempre distorcendo a voz. E, além disso, é comum fantasiar também seus cavalos ou mesmo trocá-los com outros mascarados para disfarçar. Não se pode deixar de noticiar um grupo que, nas Cavalhadas, é conhecido pela sua forma de caracterização: os "Índios". Eles são vistos saindo pelas ruas de shorts e sem camisa, e com o corpo e rosto pintados de lama, graxa, tinta, e muitos usando máscara... É comum entrarem no campo das Cavalhadas a pé ou montados em cavalos em pelo e sustentar faixas com mensagens ao público.

Talentosos na montaria, os mascarados ocupam o campo das Cavalhadas nos intervalos das carreiras fazendo acrobacias e interagindo com a plateia. É também nesse momento que eles exercem uma das prerrogativas mais importantes do uso da máscara: a realização de protestos. Seja pedindo melhorias para a educação na cidade; se opondo à atuação de políticos locais; fazendo piadas sobre algum acontecimento ou mesmo agradecendo, as faixas hasteadas tornam-se eficazes meios de comunicação com os espectadores.

Quando fora do campo, paqueram e pedem um dinheiro para a cervejinha... Brincam com quem passa na rua, posam para fotos, dançam e são presença garantida nos ranchos. São figuras cômicas, mesmo quando usam máscaras horrendas. Não se sabe bem sua origem, mas acredita-se que esse personagem tenha chegado ao Brasil junto com as Cavalhadas, tal como um bufão. São mesmo ícones da festa.

Ao mascarado tudo é permitido, só não vale revelar a identidade. E é justamente essa característica, o anonimato, que foi colocada em discussão recentemente quando uma decisão judicial determinou regras para a atuação deles durante as festividades. Nesse universo,

mascarar-se representa muito mais que simplesmente ocultar-se, tratando-se a máscara de um veículo de integração e comunicação com o mundo.

A máscara pode ser compreendida, assim, como um símbolo significante, algo que esteja afastado da simples realidade e que seja usado para impor um significado à experiência. Esse elemento, como se apresenta no contexto sobre o qual nos debruçamos, é encontrado, por quem o utiliza, já em uso corrente na comunidade quando o indivíduo nasce e permanece sendo utilizado após sua morte, não ficando, porém, inerte às mudanças. Ao longo de sua vida, o indivíduo faz uso dele, de forma deliberada ou espontânea, mas sempre com o mesmo intuito: para auto-orientar-se diante dos acontecimentos (GEERTZ, 2011, p.33).

Quanto às máscaras, seu uso é universal e sua origem exata não se pode calcular no tempo. Elas são consideradas como entidades independentes, susceptíveis de ação e reação pelos poderes acumulados. Uma grande quantidade delas se enquadra entre as representativas e lúdicas, comuns às festas de recreação. Sobre elas, incidem as superstições do duplo, do outro eu, do eu subjetivo, atuantes na sombra e no reflexo. E da acepção milenar de que a máscara constitui outra pessoa, nos resta a invariável voz falsa, esganiçada, o falsete de todos os mascarados (CASCUDO, 2000, p.371).

Assim, tratar da utilização de máscaras significa estabelecer relações simbólicas, que transcendem o ocultamento. Mais do que simplesmente esconder a identidade, mascarar-se significa imbuir-se, mesmo que por um curto tempo, de poderes e liberdades impossíveis em situações normais, vividas no cotidiano, onde as estruturas sociais muitas vezes pesam sobre os ombros dos indivíduos e exigem o cumprimento de papéis, ou a ocupação de posições muito bem marcadas dentro das sociedades, restando pouco espaço para discussão. Portanto, para saber o que significa ser mascarado em um determinado contexto, é necessário analisar como esse se constituiu.

Dessa forma, para acessar o universo de que trata este trabalho foi necessário trilhar um longo caminho percorrendo a história do estado de Goiás desde suas origens, passando por seu desenvolvimento até chegar ao surgimento de duas pequenas cidades que são aqui objeto de comparação: Pirenópolis e Jaraguá. Mas o que elas teriam de relevante para essa análise? O fato de fazerem parte de uma mesma região (Jaraguá já fez parte do Julgado de Meia Ponte, atual Pirenópolis), de terem sido fundadas numa mesma época, de possuírem semelhante contexto de surgimento e de compartilharem tradições culturais sustentadas até hoje - Festa do Divino Espírito Santo e Cavalhadas - porém, com diferentes desdobramentos sociais.

E uma dessas diferenças me saltou aos olhos e instigou a seguir em frente com a presente pesquisa: as duas cidades tem agenciado de forma bastante diversa uma mesma questão – o cadastramento dos mascarados em suas Cavalhadas. Enquanto em Jaraguá o cadastramento foi implementado com sucesso e sem grandes dificuldades, em Pirenópolis o processo está em plena discussão e um conflito foi instaurado. Este estudo procura, nesse sentido, discutir quais aspectos foram relevantes para que o quadro atual se instaurasse em cada uma das localidades e o que essa dinâmica social pode nos revelar.

Mais que isso, buscou-se compreender a natureza do conflito suscitado a partir da edição da norma que determinou o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis e analisar seus desdobramentos. Nesse sentido, foram estabelecidos alguns objetivos, cujo cumprimento impôs diferentes níveis de dificuldade ao longo da trajetória da pesquisa: verificar junto à autoridade policial se havia dados estatísticos que embasassem a adoção da norma; realizar um diagnóstico do posicionamento de moradores de diferentes faixas etárias a respeito da norma em questão; identificar, a partir dos moradores, quais seriam os principais problemas da “Pirenópolis de hoje” e compreender a que eles os atribuem; e tentar captar a noção dos habitantes a respeito de mudanças no significado das Cavalhadas. Com base no que foi exposto, a disposição dos capítulos desta monografia apresentou os temas a seguir.

CAPÍTULO 1 – Nesse capítulo foi apresentado um panorama histórico sobre a origem e o desenvolvimento do Estado de Goiás e, especificamente, dos municípios de Jaraguá e Pirenópolis, objetivando apresentar as peculiaridades de sua formação que pudessem ter sido significativas para a configuração de seu contexto atual.

CAPÍTULO 2 – Esse capítulo foi voltado para a descrição da trajetória da pesquisa empírica, compreendendo a metodologia utilizada e a apresentação de três etapas de coleta de dados: antes, durante e após a realização das Cavalhadas nas duas cidades, onde foram realizadas entrevistas e aplicados questionários aos moradores.

CAPÍTULO 3 – Foi dedicado um capítulo exclusivo para tratar do universo simbólico do mascarado. Nele, foram reproduzidos relatos onde os próprios mascarados contam como surgiu a vontade de vivenciar essa experiência, o que os motiva e ainda como eles definem sua existência. A partir disso, algumas análises foram tecidas.

CAPÍTULO 4 – O último capítulo apresenta a discussão a respeito dos resultados obtidos a partir da aplicação dos questionários. Além disso, traz considerações sobre a

concretização dos objetivos da pesquisa e a compreensão alcançada a respeito do conflito relativo ao cadastramento em Pirenópolis.

A última parte da presente monografia é dedicada à apresentação das considerações finais, em que se argumenta a respeito do impacto simbólico dos processos de patrimonialização e de como medidas de “congelamento” são utilizadas para tentar fixar processos que são dinâmicos.

CAPÍTULO 1

Raízes

Para compreender um fenômeno, não basta nos basearmos apenas em sua configuração atual, na forma como se apresenta hoje. Agir dessa maneira seria simplificar demais os acontecimentos e deixar de considerar a dinâmica social. Seria fechar os olhos para o fato de que os homens têm escolhas, fazem opções, e que a conformação dos processos se dá a partir de ações motivadas.

Nesse sentido, cabe ao pesquisador investigar com profundidade, sendo fundamental a interação com outras áreas do conhecimento, a exemplo da História. Seu apoio é importante nessa conjuntura, por acreditarmos que uma análise baseada em observações superficiais fatalmente resultará em constatações superficiais. E nem sempre o que salta aos olhos é o aspecto mais relevante de uma questão.

Essa postura é ainda mais necessária quando da decisão de abordar um tema já bastante estudado, como é o universo simbólico que permeia as relações entre os homens no contexto da cultura popular. Por essa razão, optou-se por iniciar este trabalho trazendo à baila antecedentes históricos do universo material que se pretende abordar, principalmente por tratar-se de uma pesquisa que desenvolve-se em cidades que tem como característica a valorização de seu passado.

1.1 História de Goiás:

Minas de ouro descobertas por alguns homens audaciosos e empreendedores, uma multidão de aventureiros precipitando-se sobre as riquezas exageradamente anunciadas, uma sociedade que se forma no meio de todos os crimes, que adquire hábito de ordem sob o rigor do despotismo militar, cujos costumes são adoçados pela influência do clima e de uma mole ociosidade, alguns instantes de esplendor e de prodigalidade, ruínas e uma triste decadência, tal é, em poucas palavras, a história da província de Goiás.

A. de Saint Hilaire, 1819

Para falar sobre a história do estado de Goiás, nos servimos das contribuições de Palacin e Moraes (2008). Segundo eles, no primeiro século da colonização do Brasil, diversas foram as expedições que passaram pelo território que hoje corresponde a Goiás - entradas, descidas e bandeiras. Algumas tinham caráter oficial, destinadas a explorar o território e

buscar riquezas minerais; enquanto outras eram de natureza particular, como empresas voltadas ao apresamento de indígenas.

Os autores assinalam que foi abundante o número de bandeiras que passaram por Goiás. Algumas partiam de São Paulo em busca de índios e chegavam ao extremo norte de Goiás, por via fluvial, tendo as viagens cerca de dois ou três anos de duração. Já após o ano de 1630 o uso de muares se difundiu, passando as expedições a fazerem seus percursos por terra, atravessando de sul a norte e de norte a sul o território goiano.

Com relação ao descobrimento de Goiás, costuma-se atribuir esse fato a Bartolomeu Bueno da Silva, “o Anhanguera”. Porém, ele não teria sido o primeiro a chegar à região, apenas o primeiro a rumar à região com o interesse de se fixar nas terras, o que teria ocorrido na conjuntura do descobrimento do ouro no Brasil.

Nos anos de 1690, com a descoberta desse metal em Minas Gerais, começaram a acontecer fluxos migratórios em busca dessas riquezas e a conseqüente formação de arraiais e vilas. Em 1718 foi encontrado ouro nas minas de Cuiabá, resultando no povoamento de Mato Grosso. Foi nesse contexto que o chamado Anhanguera, paulista que vivera em Minas Gerais, juntamente com dois parentes, teria pedido licença ao Rei para consumir uma bandeira com o objetivo de buscar ouro em Goiás, o que se acreditava viável, já que em Minas Gerais e Mato Grosso, territórios em torno, ele já fora encontrado.

Concedida a licença, determinou o Rei que o Governador da província destacasse um regimento para a bandeira. Os gastos da expedição corriam por conta dos organizadores, os quais, se tivessem sucesso na localização de minas, receberiam vantagens comerciais no seu usufruto e ainda ocupariam os principais cargos políticos da região. Os principais financiadores foram, neste caso, João Leite da Silva Ortiz, genro do Anhanguera e proprietário de lavras em Minas Gerais, e João de Abreu, irmão de Ortiz.

Palacin e Moraes chamam a atenção para o fato de que a bandeira era uma expedição organizada militarmente e também uma espécie de sociedade comercial. Cada participante entrava com certa parcela de capital, que consistia em um número de escravos. A soma de todos os integrantes da bandeira podia chegar a 500 pessoas, o que nos permite ter a dimensão da dificuldade desses empreendimentos, considerando que entre mortes e deserções algumas expedições terminavam com uns poucos participantes (PALACIN; MORAES, 2008, p.21).

A bandeira do Anhanguera teria saído de São Paulo em 3 de julho de 1722. O caminho, já não era considerado tão difícil como nos primeiros tempos e já havia algumas referências conhecidas, como pequeninas povoações. Porém, essa bandeira desencaminhou-se

logo de início, o que gerou desentendimentos entre seus líderes, e ela vagou perdida por meses pelos cerrados de Goiás. Muitos homens morreram de fome e outros preferiram voltar a São Paulo em pequenos grupos, abandonando a expedição.

Conta-se da obstinação do Anhanguera, que preferiria morrer a assumir o fracasso da empreitada. Porém, já com poucos homens, numa das voltas da bandeira, descobriu ouro nas cabeceiras do Rio Vermelho – na região da atual cidade de Goiás. Em 21 de outubro de 1725, após três anos, essa bandeira retorna a São Paulo, noticiando a descoberta de cinco córregos auríferos e minas tão ricas como as de Cuiabá.

Poucos meses após o retorno dessa bandeira, em São Paulo uma nova expedição com finalidade de exploração foi planejada. Nessa, Bartolomeu Bueno já retornava a Goiás com o título de superintendente de minas e Ortiz como guarda-mor. Chegando ao destino, a ocupação começou pela região do Rio Vermelho, local de fundação do arraial de Sant’Ana, mais tarde chamado de Vila Boa, para depois se tornar Cidade de Goiás e figurar como capital do território por 200 anos.

Em torno do arraial de Sant’Ana e às margens de cursos d’água surgiram várias povoações, que aumentavam de população à medida que corriam pelo território notícias da descoberta de ouro, atraindo gente de várias partes do país. O povoamento advindo da mineração do ouro era irregular e instável, sem planejamento. Onde o ouro aparecia, surgia uma povoação; quando esse se esgotava, os exploradores das minas partiam para outro sítio. A povoação que existia antes, com isso definhava ou desaparecia. Notícia-se que nas duas primeiras décadas da mineração, quase todo o território de Goiás já havia sido esquadrihado por bandeiras que buscavam o ouro (PALACIN; MORAES, 2008, p.23).

Esses autores ainda apresentam uma definição de três zonas de povoamento, com relativa densidade, durante o século XVIII, no território de Goiás. A primeira situava-se no centro-sul, com uma série desconexa de arraiais no caminho de São Paulo ou em suas proximidades: Santa Cruz, Santa Luzia (Luziânia), Meia Ponte (Pirenópolis) – principal centro de comunicações -, Jaraguá, Vila Boa e arraiais vizinhos. E esta zona é a que mais nos interessa para a configuração deste trabalho.

A segunda zona estaria situada na “região do Tocantins”, no alto Tocantins ou Maranhão, que, administrativamente, pertencia à correição do norte. Esta zona, de menor extensão, era a mais densamente povoada: Traíras, Água Quente, São José (Niquelândia) Santa Rita, Muquém etc.

Como terceira zona, citam uma grande área, ao norte da capitania, entre o Tocantins e os chapadões dos limites com a Bahia. Nesta região, predominantemente árida, estavam dispersas algumas povoações: Arraias, São Félix, Cavalcante, Natividade e Porto Real (Porto Nacional), que se apresentava como o arraial na posição mais setentrional.

Além desses pontos de povoamento, outros arraiais isolados surgiram por demanda da mineração: Pilões, na região do Araguaia; Pilar e Crixás na região das matas do Araguaia, Couros (Formosa) no caminho da Bahia. E é interessante pensar que, além das povoações citadas, ainda existiam grandes áreas - cerca de dois terços do atual território de Goiás - que permaneceram sem povoamento até a chegada dos séculos XIX e XX, quando foram utilizadas para o avanço das lavouras e da pecuária.

Nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil, operou-se, primeiramente, a extração do pau-brasil, e em seguida a monocultura da cana-de-açúcar. Com a descoberta de ouro no Brasil, em fins do século XVII, este passou a ser prioridade como recurso econômico, chamando a atenção tanto das autoridades quanto do povo que se lançava em busca dessa riqueza.

Uma mentalidade mercantilista se instaurou e no país se organizou uma espécie de hierarquia na produção, que resultava em os territórios das minas serem quase que exclusivamente voltados à produção do ouro, enquanto outros bens, como alimentos e outros produtos necessários à vida, poderiam ser importados das capitanias da costa. E isso explica o pouco desenvolvimento da agricultura e pecuária nos primeiros anos da mineração.

Em Goiás, essa mentalidade supervalorizava o mineiro enquanto desvalorizava outras profissões, como a do roceiro. Naquela época, ser mineiro significava ser proprietário de lavras e escravos que trabalhavam nas minas. Ser roceiro, por sua vez, significava ser proprietário de terras e escravos que trabalhavam nas lavouras (PALACIN; MORAES, 2008, p. 35).

Haviam dois tipos principais de jazidas de extração aurífera no Brasil: as jazidas sedimentares de ouro de aluvião e as formações rochosas com veios de ouro na pedra, cada qual exigindo diferente forma de extração. Nas jazidas sedimentares se realizava a “mineração de cascalho”, modalidade mais simples e rústica, predominante em Goiás. Já a mineração de morro era mais cara e tecnicamente mais difícil. Essa era feita através de galerias e túneis – a mineração de mina, ou cortando a montanha de forma perpendicular – o talho aberto. Essa modalidade foi bastante utilizada em Minas Gerais (PALACIN; MORAES, 2008, p. 36).

No Brasil, sempre que o Rei concedia licença a alguma bandeira para buscar metais preciosos, exigia o pagamento do Quinto, que seria um imposto referente à quinta parte da produção líquida de ouro. Porém, sempre houve quem tentasse burlar essa prática, através do contrabando dos metais. Em Goiás havia duas formas de cobrança desse imposto: a “capitação” e o quinto propriamente dito.

Na capitação, sistema que perdurou de 1736 a 1751, o proprietário pagava pelo número de escravos que tinha a seu serviço, independente de sua ocupação e rendimento. Esse sistema era considerado injusto pelos mineiros, por conta dos variados rendimentos dos empreendimentos de mineração, por isso fora abolido. O ouro em pó retirado das minas corria como moeda na capitania e tudo que se comprava ou vendia se fazia por meio dele e não de moeda cunhada. Quando se queria levar o ouro para fora da capitania ele era “quintado” numa casa de fundição.

Porém, a pujança da extração do ouro não se manteve inalterada ao longo dos anos. Acredita-se que tenha sido um negócio bastante rentável até o ano de 1750, tendo decaído a partir de então. E Goiás foi o segundo produtor de ouro do Brasil, bastante inferior a Minas Gerais e um pouco superior a Mato Grosso. Porém, pouco desse ouro teria permanecido no Brasil e menos ainda em Goiás. Pelo Pacto Colonial, o Brasil tinha o compromisso de enviar a Portugal produtos primários, e o ouro seguia esse caminho. Em troca, a corte enviava para o Brasil produtos manufaturados.

Porém, é um erro pensar que o fato dessa riqueza não ficar aqui significa que não tenha contribuído para o progresso do país. O século XVIII, o chamado “século do ouro”, representou um período de grande expansão territorial no Brasil. Deixou-se de ocupar apenas estreita porção da costa para empreender um destemido avanço para o interior. Além disso, a busca do ouro resultou num aumento considerável da população, com o incremento de estrangeiros e escravos trazidos para o trabalho nas minas.

Como Goiás fora originalmente fundado por paulistas, de início seu território era mantido sob tutela de São Paulo. O capitão-general de São Paulo era a suprema autoridade, mas, como delegado, governava Vila Boa um superintendente de minas. Nos primeiros anos esse foi Bartolomeu Bueno, o Anhanguera. Tempos depois, devido a desentendimentos, fora substituído pelo ouvidor (PALACIN; MORAES, 2008, p. 49).

Duas décadas após sua fundação, Goiás já havia crescido consideravelmente em população e importância, de forma a não ser mais possível ser governado à distância por São Paulo. A Corte portuguesa decidira então por sua independência, elevando-o à posição de

Capitania. Em 1749, chega a Vila Boa o primeiro governador e capitão-general, o Conde dos Arcos. O território goiano passou a ser denominado Capitania de Goiás, título conservado até a Independência, quando se tornou província.

Nessa época, toda capitania no Brasil possuía um governo próprio, ligado ao Rei e aos organismos centrais em Lisboa, especialmente ao Conselho Ultramarino. Como principal autoridade havia o governador, responsável pela administração e aplicação das leis, além de comandar o exército. A justiça ficava a cargo do ouvidor, que julgava os recursos e fiscalizava a eleição de juízes eleitos pelo povo. Ao intendente cabia a arrecadação de impostos. O quadro administrativo na verdade era bem pequeno e composto por indivíduos muitas vezes sem formação para o exercício das funções, o que ao longo do tempo gerou diversos problemas de gestão no território (PALACIN; MORAES, 2008, p. 49-50).

Interessante é lembrar que, se considerarmos as dimensões do território correspondente ao estado de Goiás e as dificuldades de comunicação e transportes à época, fica mais fácil perceber como muitas localidades acabaram se mantendo em relativo isolamento, o que impactava diretamente sobre as alternativas econômicas disponíveis, a efetividade do cumprimento das leis emanadas do governo central, na gestão fundiária, nas disputas pelo poder local e nas perspectivas de desenvolvimento que se apresentavam a cada região.

1.2 História de Pirenópolis:

Para acessar o universo deste estudo, faz-se necessário explorar a história de Pirenópolis buscando suas origens e assim tornar possível a discussão sobre os fatores preponderantes que tenham se articulado ao longo dos anos e resultaram na configuração atual dessa localidade.

A história de Pirenópolis é uma narrativa de lutas por poder e sobrevivência e se inicia muito antes de a região ter esse nome. Ela começa quando aventureiros de diversas origens se embrenharam nas matas de Goiás em busca de riquezas de ouro e prata. Onde as encontraram, acabaram por fundar diversos núcleos populacionais que tiveram sua perenidade determinada pela sorte nos garimpos.

Era uma realidade de labor, isolamento e precariedade em que as regras que conduziam a vida social eram muitas vezes determinadas mais pelas contingências locais que pela ação diretiva do Estado. Isso favorecia a emergência de lideranças locais que iam se

consolidando e deixando suas marcas nos contornos que a sociedade adquiria ao longo dos tempos. É uma história cheia de personalidades e seus feitos, com o predomínio de grandes famílias e da Igreja.

Como objetivo primordial da maioria existia a busca da fortuna, mas enquanto isso não chegava era necessário garantir a sobrevivência. As minas eram o destino desses homens, fato que resultou na migração de grande volume de pessoas para as regiões das minas e fundação de diversos arraiais em torno delas (JAYME, 1971, p.79). Uns chegaram a ter grande população e prosperidade, mas poucos conseguiram resistir. E das muitas minas encontradas, nesse momento nos cabe falar sobre as Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte.

A descoberta delas foi registrada em nome de Manoel Rodrigues Tomar e datada de 1727. E, acredita-se, seu descobrimento tenha ocorrido em 7 de outubro, dia consagrado a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da atual Pirenópolis. Nesse sentido, também é atribuído a Tomar a fundação do arraial de Meia-Ponte.

Com o tempo, a fama das riquezas de Goiás crescia e cada vez mais pessoas migravam para lá em busca de fortuna. O aumento da população em alguns pontos e os problemas decorrentes do isolamento começaram a chamar a atenção das autoridades centrais. Mesmo com as dificuldades de comunicação e transporte, não tardou para que medidas fossem determinadas no sentido de tentar controlar o acesso às riquezas e de alguma forma impor autoridade por parte das províncias, que representavam a metrópole.

Mesmo assim, em meio a mandos e desmandos, prisões e sublevações, a vida seguia e quem conseguiu sucesso em se estabelecer naquelas paragens foi alcançando alguma deferência, principalmente se tinha condições de financiar alguma obra de importância para a comunidade como a construção de uma igreja, por exemplo. Mas também existiram aqueles que se tornaram exemplos por suas más condutas. De toda forma, foi nesse movimento que muitos povoadores do solo meiapontense deixaram seus nomes gravados para a posteridade. E esse é um aspecto interessante da história dessa sociedade: a atribuição. A história tratou de registrar a quem pertenceu, material ou simbolicamente, cada palmo daquele chão.

Seguem-se os anos e em 10 de julho de 1832 Meia-Ponte foi elevado à categoria de vila, mas antes disso se destacou por editar, desde 1830, o “Matutina Meiapontense”, primeiro jornal que circulou na Província de Goiás (JAYME, 1971, p. 100). Esse fato nos permite pensar numa inclinação de Meia-Ponte à cultura, mesmo que restrita a parcela da população. Essa noção foi reafirmada mais tarde, por ocasião da construção de salas de teatro e cinema.

Já em 2 de agosto de 1853 a vila passa a ser cidade e só então, em 27 de fevereiro de 1890, passa a se chamar Pirenópolis, em menção à cordilheira dos Pireneus.

Desde o início do século XIX a pecuária emergiu como a principal atividade econômica da Província de Goiás e nas décadas seguintes a agricultura se desenvolveu. Porém, até meados do século XIX, as atividades rurais e o comércio foram os pilares que sustentaram a economia pirenopolina, que a partir dessa época passou por um grande período de estagnação ao perder a condição de centro comercial de importância regional, por conta do deslocamento de centros e rotas comerciais para o sul, seguindo a estrada de ferro de Goiás (ALVES, 2004, p. 22).

Após esse período, até o início do século XX Pirenópolis conseguiu permanecer como um entreposto comercial, quando, por fim, as péssimas condições de suas estradas a isolaram. O transporte de mercadorias era feito no lombo de animais ou por vias fluviais. A movimentação de pessoas na região era difícil e Anápolis se tornou a opção viável para atendimento das necessidades de abastecimento e atendimento médico dos pirenopolinos. Ainda hoje o é.

O problema das estradas e acessos a Pirenópolis permaneceu até o início do Governo Kubitschek quando foram feitos muitos investimentos em rodovias e na construção da nova capital do Brasil. Também, por volta dos anos cinquenta, Pirenópolis teria ganho a instalação de nova rede elétrica, construção de pontes e sua prefeitura visualizaria projetos de produção habitacional. Porém, a construção de Brasília teve importância singular para a dinamização dessa cidade (ALVES, 2004, p.27).

A construção de Brasília se apresentava naquele momento como uma oportunidade de trabalho, negócios, progresso e pirenopolinos teriam rumado para lá para tentar a sorte. Nessa época, a produção de gêneros agrícolas de Pirenópolis passava a ter um rentável mercado. Porém, com a Capital construída, se formou seu próprio núcleo de produção agrícola e o consumo de produtos de Pirenópolis caiu. A pecuária, entretanto, que sempre fora a principal atividade econômica do município se intensificou, gerando excedentes que atendiam aos novos mercados de Brasília, Anápolis e Goiânia (ALVES, 2004, p.29).

Ainda há a extração do quartzito - as chamadas “pedras de Pirenópolis” - outra importante atividade comercial na localidade e que teria começado no final do século dezenove. Sua exploração teve grande crescimento por ocasião da construção de Goiânia na década de trinta e depois com Brasília (CARVALHO, 2001, p.92-93).

De lá para cá muito aconteceu. A cidade de Pirenópolis, hoje fortemente voltada para o turismo, recebe todos os meses centenas de visitantes, de origens diversas, que buscam conhecer e usufruir o que a localidade oferece. Natureza, artesanato, arquitetura, gastronomia, religiosidade e, sobretudo, cultura popular são alguns dos atrativos que a pequena cidade goiana tem a oferecer. E o que une tudo isso é um forte apelo ao caráter tradicional da localidade.

Uma das formas de materialização desse apelo é a realização anual de um ciclo de celebrações e festas que se propõe a congregar pessoas e perpetuar valores. É nesse contexto que se localizam a “Festa do Divino Espírito Santo” e a realização das Cavalhadas. Nas últimas décadas Pirenópolis, que mantém em suas fachadas a lembrança de tempos idos e ressalta o orgulho nisso, vem convidando e recebendo milhares de visitantes de diversas origens e interesses, e as consequências disso não demoraram a chegar.

Como consequências de ter se tornado um destino interessante como “cidadela do passado”, a pequena cidade obteve, por um lado, a diversificação de seu contingente populacional; o incremento da renda advinda do setor de turismo; e a notoriedade mesmo internacional a respeito de suas riquezas naturais e culturais; por outro, o aumento do custo de vida; a falta de investimentos em infra-estrutura; a pouca perspectiva da população jovem e o aumento do consumo de drogas, em especial o crack.

Pirenópolis vive hoje o impasse de tentar manter a sensação de cidade do passado, e se beneficiar no que puder com isso, como é o caso do turismo. Porém, essa cidade convive com problemas do presente e com a dificuldade de equacionar a identidade que sustenta diante das expectativas de uma população que deseja melhorias nas condições de vida, mas tem um forte apego a uma forma de viver que parece não se sustentar. Diante disso, forma-se um palco de lutas em torno de questões como poder, patrimônio, identidade, memória e sobrevivência.

1.3 História de Jaraguá:

Jaraguá, a “Lendária Terra”, foi mais uma cidade surgida a partir da exploração aurífera do século XVIII sendo originalmente chamada de arraial do Córrego de Jaraguá. Mais tarde tornou-se Vila de Jaraguá, fazendo parte do Julgado de Meia Ponte (atual Pirenópolis) e sua emancipação ocorrera em 1882. Porém, até recentemente discutiu-se a respeito do período inicial da extração do ouro na região e o começo do povoamento, já que

os registros escritos não coincidem com a história oral perpetuada até então sobre as origens dessa localidade.

A documentação histórica e alguns autores renomados da historiografia goiana atribuem o descobrimento do ouro de Jaraguá a negros faiscadores, entre 1736 e 1737. Porém, autores do século XX costumaram atribuir ao mineiro português Manoel Rodrigues Thomaz o início da exploração das minas da região, em 1731, tendo por base a tradição oral perpetuada por jaraguenses ao longo dos anos (PEDROSO, 2008, p.135-136).

Porém, tem-se registros de que Thomar (seu sobrenome é encontrado com “z” e “r”) teria explorado o ouro de diferentes regiões numa mesma época, como Meia Ponte, Rio Maranhão, Água Quente, o que, dadas as dificuldades de deslocamento da época, dificilmente poderia ter ocorrido. Assim, a versão oficial atual a respeito do descobrimento das minas de Jaraguá, após diversas discussões envolvendo pesquisadores da história dessa localidade, atribui a negros faiscadores o início da exploração aurífera e não a Thomar, que fora uma personalidade à época, sendo inclusive o fundador de Meia Ponte, e que em algum momento da história local foi “eleito” como o desbravador dessas paragens e perpetuado na tradição oral.

Com o declínio do ouro, Jaraguá se apresentou como um dos poucos povoados que sobreviveram, ficando restrito, no século XIX, à produção agropecuária para consumo local, efeito do isolamento resultante da falta de alternativas econômicas à época. As terras em Goiás quase não tinham valor e a ocupação, assim como a compra a preços muito baixos, eram as principais formas de aquisição. Porém, no final do século um movimento migratório levou tropeiros a Jaraguá. Eles, provenientes do Triângulo Mineiro, logo assumiram uma postura diferenciada em relação à terra e com o tempo se tornaram grandes proprietários (DUARTE, 2004, p.19-20).

Mediante o desenvolvimento da agropecuária na região, principalmente a partir do século XX, Jaraguá passou a fazer parte, mesmo que timidamente, de um mercado mais amplo. O comércio ficava restrito à venda de gado e de alguns produtos agrícolas e à compra de produtos que não eram produzidos na localidade. Produzia-se rapadura, farinhas de milho e mandioca, e fumo, que eram vendidos para outros locais.

Jaraguá, assim como restante de Goiás, foi palco de atuação de grupos oligárquicos, constituídos por famílias patriarcais. Os coronéis provenientes dessas renomadas famílias influenciaram diretamente a vida social e política da época, assim como as alianças advindas dos casamentos e a migração contribuíram para a configuração dessa sociedade. A elite que

exerceu o poder em Jaraguá foi proveniente, em parte, da mineração, e também de fluxos migratórios do século XIX (DUARTE, 2004, p.20-21).

O estado fora habitado no início de seu povoamento principalmente por portugueses e paulistas, assim como por escravos negros e indígenas. No período mineratório, as elites constituintes de Jaraguá consideravam como atributos essenciais para integrar seus círculos de poder a ascendência portuguesa, a vinculação à Religião Católica e a erudição, aspectos que impactavam num processo de estratificação social.

A história de Jaraguá apresenta, durante o século XIX, duas correntes migratórias que contribuíram para a composição de elites locais que disputaram o poder ao longo do século XX. Uma proveniente de antigos centros mineradores à época decadentes, que se apresentou em fins do século XVIII e meados do século XIX. Outra, em fins do século XIX, constituiu-se de componentes das regiões de povoamento mais recente, ao sul, sudeste e sudoeste de Goiás ou do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais (DUARTE, 2004, p. 23).

Os contingentes migratórios do final do século XIX foram oriundos da região de Farinha Podre e eram compostos por tropeiros que chegaram a Jaraguá em busca de terras para a expansão da criação de gado. Esses tropeiros não foram bem vistos pela população jaraguense, que via com desprezo seu trabalho. Como herança dos tempos da mineração, a agricultura e a pecuária eram consideradas atividades de pouco prestígio. Alguns desses tropeiros, porém, ascenderam ao poder na localidade graças à aquisição de grandes quantidades de terra, que valia pouco, e por meio de casamentos. Um deles foi Antônio de Castro Ribeiro, que anos depois conquistaria o poder econômico e político local (DUARTE, 2004, p. 27).

Da segunda metade do século XIX ao início do século XX a ocupação das terras continuou e criou oportunidade para a manifestação de um fenômeno político constituidor da formação de Goiás: a formação de oligarquias, onde a figura dos coronéis ocupava posição de destaque. Como a população do estado era predominantemente rural, o proprietário de terras dispunha da maioria das oportunidades de trabalho, mantendo uma clientela em torno de si e fazendo com que seu poder econômico o dotasse de poder político.

Na acepção de Bobbio, a existência de uma oligarquia pressupõe que o poder supremo está nas mãos de um restrito grupo de pessoas, propensamente fechado, ligadas entre si por vínculos de sangue, de interesses ou outros, e que gozam de privilégios particulares, os quais tenta-se conservar de todas as maneiras mediante o uso do poder (BOBBIO, 2007, p. 835). Nesse sentido, as oligarquias de que tratamos foram constituídas por elementos que

historicamente ganharam notoriedade na vida política dos municípios brasileiros e que tem sua origem localizada no passado, a partir da criação da Guarda Nacional Brasileira.

Esse corpo militar, criado em 18 de agosto de 1831, foi composto pelas antigas milícias e ordenanças, e atuava como força auxiliar do Exército. Durante quase um século após ser criada, a Guarda Nacional possuiu um regimento nos municípios brasileiros. Neles, o posto de “coronel” era geralmente concedido ao chefe político local. Ele e outros oficiais, depois de nomeados e fazendo jus às suas patentes, gozavam de importantes benefícios como o de, caso fossem presos e sujeitos a processo criminal, não ser recolhidos a cárceres comuns, ficando apenas sob custódia na chamada “sala livre” da cadeia pública da localidade a que pertenciam (MAGALHÃES apud LEAL, 1993, p. 20-21).

Como foi dito, a patente de coronel acabava sendo atribuída a homens de destaque como grandes fazendeiros e comerciantes, e mesmo donos de indústrias. Muito influentes, esses indivíduos tinham papel importante na tomada de decisões políticas que impactavam no destino do município. E esse quadro se manteve, passando da Monarquia para a República, até que a Guarda Nacional foi extinta. Porém, a figura do coronel se perpetuou no tempo e ocupa ainda hoje seu espaço na tradição oral e no imaginário de muitas comunidades, principalmente as que habitam cidades do interior do país.

A partir do que foi apresentado, podemos compreender o “coronelismo” como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social específica. Não seria, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja amplificação se apresentou como característica marcante de nossa história colonial. Esse fenômeno pode ser entendido como uma forma peculiar de manifestação do poder privado, relacionada com um regime político de extensa base representativa. Assim, o fenômeno coronelista se apresentou como um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público e a influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras (LEAL, 1993, p.20).

Nesse sentido, o que ocorreu em Jaraguá durante muitos anos foi a disputa política entre os diferentes membros da elite local, oriundos de importantes famílias, que se alternavam no poder enquanto empreendiam alianças variadas. A consequência dessa disputa acabava sendo, assim como em outros locais do estado, relativa estagnação local, dado que os principais esforços dos dirigentes eram empenhados no sentido da manutenção de sua influência política.

Porém, foi na década de 40 que o município de Jaraguá passou por mudanças sociais, políticas e econômicas significativas quando, como consequência da política da Marcha para o Oeste, a região se integrou a uma economia mais ampla. E o que motivou isso foi a proximidade com a área de construção da CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás, criada em 1941 na região que corresponde hoje ao município de Ceres – GO. Nesse contexto, funcionários contratados para trabalhar na burocracia da CANG se estabeleceram em Jaraguá, inclusive o coordenador do projeto de instalação da colônia, Bernardo Saião Carvalho de Araújo, homem que teve bastante influência no posterior desenvolvimento da cidade (DUARTE, 2004, p.34-35).

O resultado dessa relação foi a dinamização do comércio e dos serviços locais. Também houve migração de pessoas de outros estados atraídas pelos projetos de colonização, o que impactou sobre a população jaraguense que até então não experimentara esse contato. Mudanças econômicas se processaram na região, além de alterações fundiárias, já que nessa época antigos distritos de Jaraguá cresceram e se emanciparam.

Na cidade foram abertas estradas, loteamentos foram construídos, também um colégio de ensino ginasial e até uma pista para pouso de avião. A BR – 014, que ficava a cerca de um quilômetro de Jaraguá, foi ligada ao centro da cidade. A antiga Jaraguá teve seu cotidiano alterado, deslocando-se para outra realidade. E um discurso influente nesse sentido foi o de Saião que, levando adiante as propostas de Vargas, promovia o entusiasmo ao desbravamento e a ideia da integração nacional, o que teve reflexos também na política local (DUARTE, 2004, p. 34-35).

Anos se passaram e o calor daquela época arrefeceu. Com outro ritmo, mais lento, Jaraguá continuou sendo o berço de seguidas gerações. E mesmo tendo se alterado fisicamente, com suas ruas largas, abrindo mão de sustentar nas fachadas de muitas de suas construções o estilo do tão importante período da mineração, permanece promovendo sua memória e aspectos relevantes da cultura local por meio de ações diversas.

Sua Festa do Divino Espírito Santo continua sendo realizada ano após ano, tendo sua importância para a comunidade local reafirmada, assim como suas Cavalhadas e a Entrada da Rainha, que atraem um grande contingente de visitantes e enchem as principais ruas da cidade, juntamente com seus mascarados, integrando a população aos desfiles por ocasião dos festejos.

Além disso, cabe dizer que por volta dos anos 70 começou em Jaraguá um processo que teria desdobramentos importantes para a cidade: o início das confecções, a partir da

iniciativa de uma pequena empresa que criou postos de trabalho na produção de roupas. Esse empreendimento auferiu tamanho sucesso que logo os colaboradores decidiram abrir seus próprios negócios e hoje a cidade conta com centenas de empresas de confecção que vendem seus produtos para diversas regiões do país, sendo Jaraguá atualmente reconhecida como um dos principais polos de confecções do Centro-Oeste.

CAPÍTULO 2

A trajetória da pesquisa

A ideia para a presente pesquisa surgiu por ocasião de minha participação como observadora nas Cavalhadas de Pirenópolis do ano de 2011. De início não havia nenhuma intenção etnográfica, mas os dados começaram a falar por si. Nessa oportunidade, pude ver e ouvir manifestações de pessoas diversas, umas contra, outras a favor de uma questão específica. Os argumentos variavam, mas giravam todos em torno do mesmo assunto: a edição de uma norma impessoal e geral que determinava o cadastramento dos mascarados e estipulava uma série de condições para sua participação nesse evento ritual.

Percebi que essa questão pulsava e que havia alguma regularidade de opiniões em grupos sociais específicos, ou partindo de determinadas gerações dentro daquela sociedade. De toda forma, ficou claro para mim que se esse acontecimento gerava mobilização é porque fazia parte de algo mais profundo, algo além do evento. Pareceu-me estar diante de alguma coisa que perpassava a ideia que aquelas pessoas tinham da própria sociedade da qual fazem parte, algo compartilhado, e por isso merecia investigação.

A partir desse momento comecei a pesquisar bibliografia que me ajudasse a compreender aquele universo e os acontecimentos que havia presenciado, e acabei encontrando mais que isso: além de publicações, localizei notícias veiculadas em mídia impressa e televisiva, além do registro de centenas de comentários em um blog na Internet (mantido por um pirenopolino), comentários esses que me deram algumas pistas sobre o que poderia estar acontecendo.

Dos vários estudos a que tive acesso sobre a cidade, muitos tratavam de obras antigas e cujo foco apontava para manifestações da cultura popular. Através dessas leituras, de uma forma ou de outra ficava presente a ideia de uma Pirenópolis “bem resolvida”, de uma sociedade assentada na tradição e que valorizava isso, e ponto. Quase congelada no tempo. Mas a partir do que presenciei e das discussões em curso, indaguei se esse quadro hoje não poderia ser outro, com mudanças sendo gestadas sob uma fachada que se desejava manter. Mas como eu poderia saber até que ponto aquela noção de sociedade era compartilhada?

Foi tentando compreender a natureza do conflito suscitado a partir da edição de norma que determinou o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis que busquei apreender o sentido que membros daquela sociedade davam a sua vinculação às festividades,

tão enaltecidas como representação da identidade local. Paralelamente, passei a investigar junto aos moradores quais seriam os principais problemas da Pirenópolis de hoje e a quem eles os atribuem, para tentar verificar se suas expectativas em relação à cidade estavam de acordo com a representação que é construída e mantida por alguns grupos.

A perspectiva de análise aqui utilizada corrobora com o que Geertz sustenta a respeito de um conceito de cultura semiótico. Como ele mesmo afirma, fazendo alusão a Max Weber, o homem seria um animal envolto em teias de significado tecidas por ele mesmo. A cultura então é vista como essas teias e sua análise. Assim, o que se propõe é o exercício de uma ciência interpretativa, à procura de entender os significados atribuídos pelos nativos (GEERTZ, 2011, p.4).

2.1 Compreendendo o objeto

A norma, a qual abstratamente vem sendo referida, na realidade compõe-se de uma série de determinações inseridas na Ação Civil Pública “Mascarados”, autos nº 201001792712, do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, tendo sido proposta pelo Ministério Público – Comarca de Pirenópolis contra a Prefeitura do município. Esse instrumento, datado de 10/03/2011, determinava que a partir daquele ano seria obrigatório o cadastramento de todas as pessoas que quisessem participar das Cavalhadas utilizando fantasias com máscara. Além disso, determinava também que os mascarados circulassem apenas em horários e locais específicos durante a festa, ostentando um número de identificação, sob pena de serem autuados pela polícia por desobediência. Caberia à autoridade municipal o cadastramento e a fiscalização desse intento.

Essa ação teria sido motivada por um incremento no número de crimes que estariam ocorrendo nos últimos anos durante as festas, os quais seriam atribuídos a “maus elementos” infiltrados que, se aproveitando do anonimato garantido pelas vestimentas do mascarado, se utilizariam dessa oportunidade para cometer crimes. Algo que não compõe os trechos da ação que serão reproduzidos neste trabalho, mas que foi de grande relevância para as discussões a respeito do cadastramento foi um assassinato ocorrido no ano de 2009, durante as Cavalhadas, e que até então não teria sido solucionado pela polícia pelo fato de o autor ter cometido o crime usando máscara. Esse fato, que apresenta algumas variações de enredo, foi relatado, pela grande maioria das mais de cem pessoas que contribuíram com dados para esta pesquisa, como o estopim para a iniciativa do cadastramento.

A prefeitura, com o intuito de desencorajar ou de pelo menos retardar os efeitos da Ação Civil Pública, apresentou uma série de argumentos sustentando que o mascarado é uma figura de grande importância para as Cavalhadas e que seu cadastramento seria uma medida atípica e inovadora, necessitando de um prévio processo de conscientização da sociedade pirenopolina para que tivesse chance de ser efetivo. Além disso, a municipalidade defendeu que a obrigatoriedade do cadastramento acarretaria uma série de transtornos às festividades, tais como rejeição da população à norma e a ausência dos mascarados durante as Cavalhadas, desvirtuando uma tradição secular. Ainda esclareceu a respeito da atuação deles no intervalo das carreiras e da necessidade, prática e pelo costume, do uso de equinos e bovinos após as 18:30h nos dias desse evento como meio de transporte dos mascarados e da população proveniente da zona rural do município.

Esses argumentos, porém, não demoveram a autoridade judiciária, que determinou, por fim, a obrigatoriedade de o município: cadastrar quem desejasse se vestir de mascarado durante a Festa do Divino, incluindo a festa de 2011, e esses deveriam ostentar um número de registro fornecido pela Prefeitura; limitar o espaço de circulação dos mascarados ao Centro Histórico da cidade; limitar o horário permitido para o uso das máscaras durante os festejos; promover a divulgação via rádio, carro de som e folhetos do conteúdo daquela decisão e proibir os mascarados de perturbarem as Cavalhadas durante as apresentações. Designou-se ainda que as polícias Civil e Militar fiscalizassem o cumprimento daquela decisão, autuando por crime de desobediência quem quer que descumprisse o teor daquele instrumento. Fixava-se ainda multa de dez mil reais para cada vez que se constatasse a desobediência a ela por parte do município.

Porém, o que essa determinação conseguiu foi gerar muitas discussões dentro da sociedade pirenopolina, com a emergência de discursos variados, os quais eram sempre permeados pela questão do caráter tradicional da festa e da manifestação dos mascarados, e de que a ideia de regulamentar sua ação, assim como questionar seu anonimato, conflitaria com a natureza desse personagem que, simbolizando as Cavalhadas, reflete diretamente sobre a representação dessa sociedade.

As discussões continuaram e meses depois, em 03/06/11, foi adicionada à ação já referida outra peça em que o autor, o Promotor de Justiça da Comarca de Pirenópolis, definia que o cadastro e a numeração dos mascarados (dados de identificação) deveriam ser mantidos em sigilo, somente podendo ter acesso a eles os responsáveis pelo cadastro, o Comando da Polícia Militar, a Delegada de Polícia, o Promotor de Justiça, os Juizes com atuação na Justiça

Comum e no Juizado Criminal local. Isso se justificou pelo apelo popular a favor do anonimato e pela desconfiança dos mascarados em possível má utilização dos dados.

Além disso, essa nova peça solicitava a fixação de multa ao município para o caso de divulgação da identidade do mascarado; ampliava a área de circulação permitida a ele para incluir o “Cavalcódromo”, que fica fora do Centro Histórico, e outras áreas adjacentes, designadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); solicitava que houvesse tolerância quanto ao deslocamento dos mascarados do Centro Histórico até suas residências e vice-versa, já que muitos vivem fora do perímetro referido e fariam o percurso fantasiados. Também solicitava que o cadastramento ocorresse ao longo do período das Cavalhadas, para que pudesse participar mesmo quem decidisse “de última hora”. O acréscimo dessa peça parecia ter o sentido flexibilização, de forma a contribuir para a adoção da norma. Porém, nenhuma destas medidas obteve efetividade.

O Juiz que julgou a peça considerou as solicitações do Promotor, porém, esclareceu as medidas que a polícia local deveria adotar com relação ao mascarado que circulasse sem ostentar o número do cadastro. Isso incluía detenção, identificação e condução do mesmo à Delegacia de Polícia para autuação. Essas medidas foram, sem dúvida, alvo de grande descontentamento por parte dos mascarados. A essa altura, a discussão já havia assumido uma proporção imensa, e isso a uma semana das Cavalhadas de 2011.

No dia e na hora marcados para o início desse evento, com as arquibancadas do Cavalcódromo repletas de pessoas, se viam poucos mascarados. E os pequenos grupos que eram vistos circulando compunham-se basicamente de crianças e adolescentes, alguns portando número de cadastro. Enquanto se aguardava o início das Cavalhadas, viam-se famílias chegando carregadas de comida e se dirigindo aos camarotes, onde já eram esperadas. Outras, que não dispunham desse espaço, se ajeitavam na arquibancada procurando um bom lugar para assistir as carreiras. Ficou claro que essa é definitivamente uma ocasião de encontros.

Tudo parecia normal, em especial para alguém que não fazia parte originalmente daquele conjunto, até que ouvi um homem de uns quarenta anos dizer: “Nossa vontade é entrar no campo e queimar as fantasias em protesto”. Aquela declaração me surpreendeu. Perguntei para alguém ao lado sobre o que estava acontecendo, e, sem explicar muito, disseram que os mascarados não iriam participar como de costume, que quem tentasse fazê-lo sem o cadastro poderia ser preso e não se sabia ao certo o que poderia acontecer. Percebi sentimento de pesar e até certo constrangimento na fala daquela pessoa.

Passei então a prestar mais atenção a tudo que via e ouvia naquele lugar. Precisava entender melhor o que estava acontecendo. Foi quando anunciaram o começo do evento e, na hora em que os mascarados eram esperados no campo, apenas um entrou, e caiu. Nesse momento ouviu-se uma longa vaia ecoando da plateia. Indaguei sobre o que poderia provocar aquela reação num grupo tão grande de pessoas. Olhando ao redor, me perguntei por que elas continuavam se reunindo ali ano após ano, para assistir a encenação de uma batalha estrangeira que sempre terminava da mesma forma? Por que um cadastramento seria um problema?

Nesse instante a pesquisa começou verdadeiramente. Decidi mergulhar naquele universo e não imaginava o que poderia encontrar. Passei os meses seguintes lendo sobre Pirenópolis, seu tombamento, sua Festa do Divino Espírito Santo, suas Cavalhadas, seu cadastramento. Descobri que em diversas regiões do país essas festividades vêm acontecendo e que em vários lugares os mascarados foram cadastrados com sucesso, os rituais não deixaram de ocorrer e esses personagens não deixaram de participar. Um desses exemplos é a cidade de Jaraguá, no estado de Goiás.

2.2 A metodologia

Sabendo disso, decidi ir a campo com o intuito de conhecer essas duas cidades - Pirenópolis e Jaraguá - e ver em que aspectos elas se aproximam ou se distanciam. Quis conhecer expectativas de seus moradores e qual o sentido que eles atribuem a suas participações nas Cavalhadas. Busquei, através da pesquisa da história local, saber o que as moveu até então e que pode ter sido relevante para seus contextos atuais.

Para tanto, focalizando a questão do cadastramento, decidi visitar Jaraguá antes e durante a realização das Cavalhadas, para compreender como ele era agenciado. Já Pirenópolis, seria visitada antes, durante e após a realização dos festejos, de maneira que fosse possível acompanhar o desenrolar do conflito.

Nesse sentido, enquanto principais técnicas de pesquisa optei pela realização de pesquisa bibliográfica, num primeiro momento, seguida da aplicação de questionários com questões fechadas e abertas e da realização de entrevistas estruturadas com moradores, num segundo momento. E considereei a abordagem etnográfica como forma mais adequada de acessar esse universo.

As técnicas de pesquisa escolhidas se mostraram promissoras considerando a temática estudada, a valorização do sentido que as pessoas atribuem para a vivência cotidiana. Além disso, pareceram adequadas a fim de verificar de que maneira os membros de uma comunidade apreendem as mudanças, permitindo assinalar a direção em que estejam se constituindo novas representações sobre questões antigas.

Foi nesse sentido que a aplicação de questionários proporcionou um volume significativo de dados para análise. Quanto ao preenchimento deles, foi feito sempre da mesma forma:

a) Todos os potenciais informantes foram abordados por mim aleatoriamente pelas ruas e comércio das cidades estudadas;

b) Eu me aproximava e perguntava se eles poderiam contribuir com a pesquisa, em caso positivo, eu prosseguia;

c) Eu realizava a leitura das questões sempre com a mesma entonação, tomando cuidado para não me expressar de forma a influenciar nas respostas;

d) Eu assinalava as respostas, e muitas vezes escrevia trechos das falas para tentar ser mais fiel ao sentido das respostas.

A realização de entrevistas, por sua vez, foi feita utilizando roteiros de perguntas previamente definidos. Elas foram integralmente gravadas e transcritas e esse material foi a base de análises posteriores. Na realização delas, permaneceu a busca por não me expressar de forma que pudesse influenciar nas respostas.

2.3 Pesquisa Empírica - Primeira Etapa

Foram definidas algumas perguntas a serem respondidas nas incursões anteriores às festividades e que contribuiriam para a compreensão do contexto estudado. Foram elas:

a) Qual a configuração espacial daquela localidade?

b) Qual o aspecto de suas principais edificações?

c) Qual a sua vocação econômica aparente?

d) Qual é o seu ritmo nos chamados “dias normais”?

e) E como estavam se preparando para a realização de suas Cavalhadas?

Tendo um objeto de pesquisa definido e questões iniciais a responder, me lancei a campo com o intuito de realizar minhas primeiras observações e realizar a coleta de dados. Estava certa de que novas questões surgiriam ao longo da jornada.

2.3.1 Primeiras observações

Pirenópolis, 19 de maio de 2012

Aproximando-me de Pirenópolis, ainda na estrada, avistei uma tropa enorme de pessoas montadas a cavalo e que estavam se dirigindo em direção à cidade. Chegando lá, ainda distante do centro, de longe foi possível perceber a existência de condomínios residenciais, bairros mais recentes e de um sem número de placas noticiando a localização de pousadas e de pontos de ecoturismo para visitação.

O asfalto não cobre as ruas por grande distância depois que se chega à cidade. As ruas apresentam aquele característico calçamento de pedras que faz o carro trepidar e incentiva o motorista a dirigir devagar. Essa é uma boa chance para apreciar a arquitetura local. Casas com aparência antiga. O movimento nas ruas   moderado. Porém,   medida que nos aproximamos do centro ele aumenta.

  possível verificar que muitos carros que circulam na cidade são de outros lugares, como Brasília. Há bastante gente caminhando pela rua, o comércio está aberto.   possível ver faixas penduradas anunciando as festividades que ocorrerão no próximo final de semana. O ritmo das atividades ainda   tranquilo.

Chegando ao Centro Histórico, é possível visualizar casarões antigos, museus, pousadas e restaurantes preparados para receber os turistas. Muitas casas servem   fun o do turismo, abarcando lojas que vendem desde picolés a obras de arte. Uma presença marcante nas janelas é a das “namoradeiras”, esculturas com a forma de mulher debruçada na janela como se visse quem passa na rua.

Outra visão importante é a da Igreja Matriz de Pirenópolis, que passou meses sendo reformada após um incêndio que ocorreu em 2002 e causou grande como o. Em torno dela, nota-se uma estrutura de barracas sendo montada para comportar participantes da Festa do Divino Espírito Santo.

Nas fachadas dos restaurantes e lanchonetes, figuram anúncios dos tradicionais empad es goianos e das pamonhas, produtos muito apreciados na região e oferecidos aos turistas como iguarias locais. Não   difícil encontrar estabelecimentos que oferecem seus serviços de guias turísticos e disponibilizam roteiros compostos de diversas op es de atividades: desde trilhas e cavalgadas até a realiza o de esportes radicais aproveitando as belezas naturais da região.

À tarde presenciei a chegada das tropas de cavaleiros na cidade. Era a chegada das folias. Nesse momento, muitas pessoas se posicionaram em frente às suas casas para ver passar um grupo enorme de pessoas montadas a cavalo. Na porta de algumas residências se formavam verdadeiras recepções, com comida, bebida e música. Na rua, alguns grupos realizavam churrascos acompanhados por som automotivo. Nesse momento, na rua próxima à Igreja Matriz se viu uma grande movimentação de pessoas e animais e a polícia local, apesar de estar presente, não esboçava muitas reações ao que acontecia.



Ilustração1: Igreja Matriz de Pirenópolis – GO, 2012. Foto: Erasmo Salomão.

Jaraguá, 20 de maio de 2012

Para acessar esse município, uma das opções é utilizar a BR 153, a chamada Rodovia Belém-Brasília. Essa rodovia, de notória importância para o transporte de cargas e passageiros entre diversos municípios brasileiros, nos leva até a entrada da cidade. A primeira coisa que vemos ao chegar é um centro de compras voltado ao comércio de confecções. A partir desse ponto, as ruas que levam até o centro da cidade são largas e bem pavimentadas, algo que, se compararmos, contrasta bastante com a impressão inicial que temos ao visitar Pirenópolis.

Seguindo adiante, percebemos que ao longo daquela rua existem diversos estabelecimentos comerciais para venda de roupas, com destaque para o *jeans*. É domingo e

esse comércio está fechado. As ruas residenciais nessa região apresentam regularidade, o que pressupõe, em medida importante, certo planejamento urbano na ocupação dos espaços. O estilo das construções é atual, não se observando, pelo menos nessa parte inicial que percorremos, a predominância de casarões antigos.

As avenidas principais que cortam o centro da cidade seguem esse padrão: de construções relativamente novas; edificações de poucos pavimentos, muitas com formatos retos, incluindo os prédios públicos. A construção mais alta é a de um hotel de bom padrão. Nessa região os estabelecimentos comerciais são bem variados.

A Igreja de Nossa Senhora da Penha, no centro da cidade, é imponente e ricamente ornada, com uma fachada decorada por desenhos de cores fortes. Foi possível ver, ao longo da avenida principal, estandartes em alusão ao Divino Espírito Santo e em frente à igreja uma estrutura de barracas para comportar os participantes da Festa do Divino.



Ilustração 2: Igreja de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá – GO. Foto: Autor desconhecido.

O Campo das Cavalhadas, a uma semana do evento, ainda não apresenta a estrutura montada de arquibancadas e camarotes. Porém, havia na ocasião cavaleiros ensaiando para as apresentações. Ao sair dele, percebi a existência de uma boate e da preparação de um estacionamento para a realização de uma festa de música eletrônica.

Nas ruas, carros com som bastante alto. E, conversando com moradores, foi percebida expectativa em relação à realização das Cavalhadas e do desfile da Entrada da Rainha no próximo fim de semana. Recebi um caloroso convite para participar.

Compreendendo o cadastramento dos mascarados de Jaraguá/GO

Na tarde de 19 de maio de 2012 entrevistei o Superintendente de Cultura de Jaraguá, Paulo Vitor Avelar, que na ocasião estava em Pirenópolis, a respeito de como teria sido o processo de cadastramento dos mascarados naquela cidade. Segundo o entrevistado, o processo de cadastramento dos mascarados teria se implementado de maneira tranquila, sem conflitos.

Lá o cadastramento não foi, segundo informado, colocado como uma forma de punir ou controlar os mascarados, mas quem se cadastrasse concorreria a prêmios (bicicletas, por exemplo) e isso fez com que a adesão fosse crescente. Esse relato permite pensar a respeito de que a adoção de diferentes perspectivas na gestão da cultura popular pode repercutir em diferentes resultados. Adota-se aqui a noção de que as ações sociais são motivadas – o que inclui também o resistir – e estão diretamente relacionadas ao contexto de onde emanam. Nesse sentido, perguntou-se ao entrevistado há quanto tempo o cadastramento dos mascarados ocorria em Jaraguá e como fora concebido:

Cinco anos, só que nós transformamos o cadastramento. Quando o Ministério Público nos solicitou que fizesse, que tentasse organizar uma forma de inibir alguns excessos através do cadastramento, que é uma regulamentação dos mascarados, nós então criamos a idéia não de cadastrar o mascarado no aspecto pejorativo, negativo. Nós criamos um concurso e colocamos que nós iríamos premiar os mascarados. Então o cadastramento foi através de bonificação: você cadastra, você vai participar do sorteio de bicicletas e vários brindes [...] durante as Cavalhadas, aí todo mundo aceitou numa boa, não tivemos nenhum problema.

Em Jaraguá a idéia do cadastramento, assim como em Pirenópolis, também surgiu no sentido de coibir excessos por parte dos mascarados. Cadastrados, eles usam um crachá com um número de registro (pendurado no pescoço por um cordão) e só quem tem acesso à identidade dos mascarados é o responsável pelo cadastramento na Casa de Cultura, enquanto em Pirenópolis quem teria acesso aos registros, caso o cadastramento fosse executado conforme a determinação judicial, seriam integrantes da prefeitura, do poder judiciário e da polícia local. E em seu relato ele apresentou mais detalhes a respeito de quais seriam as razões para implementação daquela medida:

Justamente por causa do excesso. Porque ... Igual eu te falei, muita gente participa da festa pelo carinho, pelas tradições, pela história, pela cultura. Agora tem muita

gente que não tem compromisso com a sociedade, que não tem até educação mesmo e usa de uma máscara no rosto pra demonstrar uma coisa que não tem coragem de demonstrar sem a máscara. Então existe esse tipo de pessoa como em todo lugar, pessoas que não tem esse controle emocional, psicológico, e usa disso pra poder abusar pornograficamente e fazer coisas ilícitas, soltar bombas e machucar outras pessoas. Então, como foi feito isso, melhorou bastante a reação dos mascarados e o respeito deles com a população. Fez foi aumentar o número de mascarados.



Ilustração 3: Mascarados cadastrados nas Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

Questionado a respeito de como veio evoluindo o processo de cadastramento desde sua origem, o entrevistado afirmou na última edição das Cavalhadas em Jaraguá (2011) houve o registro de quase 800 mascarados, sendo que cerca de 300 deles eram crianças. Esse elevado número de crianças pode ser um indício do lugar que a realização das Cavalhadas ocupa na vida da população jaraguense e de como a atuação enquanto mascarado se inclui num rol de práticas de socialização. Segundo Paulo Vitor, tanto a população local quanto os mascarados aceitaram bem o cadastramento e que o processo de adesão a essa medida teria sido gradual.

Tranquilamente. Tem cinco anos que a gente faz seiscentos, oitocentos... Que só vai aumentando o número de... Por que tem muito lá em Jaraguá mascarado infantil, meninos de seis, sete, oito, dez anos, então tudo isso trazendo as crianças que participam. Então até pra ter esse controle dos maiores a gente fez, e com sucesso.

Perguntado sobre como teria sido a atuação do Ministério Público local no processo, Paulo Vitor afirmou que o Promotor chegou a propor a proibição do uso das máscaras nas Cavalhadas, devido aos excessos cometidos pelos mascarados. Porém, fora convencido da relevância cultural delas no contexto. Indagado sobre se em Jaraguá houve, assim como em

Pirenópolis, ação judicial determinando a obrigatoriedade do cadastramento ele afirmou que não.

Não. Foi só diálogo mesmo, só diálogo. Ele chegou e disse que se acontecesse novamente ele ia pedir. Aí a primeira-dama e eu, na pessoa dos representantes da Casa de Cultura, explicamos, mostramos documentos nossos de que é uma tradição e então nós chegamos a um consenso com o Capitão da polícia, de que se nós fizéssemos o cadastramento, explicamos na rádio, que a pessoa ia ter um controle e iria inibir, e funcionou.

Esse trecho do relato mostra que a solução para o problema foi alcançada mediante o diálogo entre o Ministério Público, a Polícia local e representantes da Casa de Cultura, revelando um nível significativo de articulação entre os atores envolvidos no processo. Porém, entende-se que um ponto chave para o sucesso do cadastramento tenha sido a não criminalização do mascarado. Isso, por um lado, evitava a sua marginalização diante da comunidade; e por outro, não o colocava em choque com o Estado, que, como conceitua Max Weber, é detentor do monopólio do uso legítimo da violência (WEBER, 1999, p.525).

E isso é sustentado pelo fato de que, diferentemente do que ocorrera em Pirenópolis, em que a Ação Civil Pública determinou sérias medidas de coação que deveriam ser adotadas pela polícia em relação aos mascarados, em Jaraguá a abordagem teria sido diferente. Nesse sentido, questionou-se ao entrevistado sobre se, no desenrolar das festividades, teriam ocorrido incidentes graves envolvendo mascarados e a polícia de Jaraguá.

Não houve [...]. Só se a pessoa tiver... Até hoje nós não registramos não. Assim... Toma a máscara. Se tiver [...], pega só a máscara. Alguém da polícia pega, ou fiscal da prefeitura pega, pronto. Mas não tem... Não se leva preso, não se tem essa ação não. Porque como eu te falei, nosso cadastramento foi feito através de bonificação. Nós não falamos que íamos cadastrar o mascarado pra controlar, nós falamos que íamos cadastrar os mascarados pra premiá-los, festejar e pra inibir as pessoas que não tem compromisso. Então isso foi colocado de uma forma diferente e as pessoas entenderam, inclusive os mascarados.

Além disso, outro fator importante para a implementação do cadastramento em Jaraguá teria sido o apoio popular. Pois, segundo informou Paulo Vitor, quando ocorrem as festividades a própria população aponta para a polícia a existência de mascarados sem crachá. Eles são acompanhados e, se começam a agir de forma inadequada, membros do corpo policial ou da municipalidade tomam-lhe a máscara. Mesmo assim, tanto a população quanto os mascarados teriam reagido de forma tranquila à nova regra.

Tranquilíssimo. Sem nenhum... Todo mundo cadastrando e a população fala: “Olha! Tá sem crachá!”. Aí pede pra tirar a máscara... Mas foi uma forma muito amigável, muito tranquila, tranquilíssimo. Tem cinco anos que isso funciona perfeitamente.

O Superintendente de Cultura da cidade de Jaraguá explicou ainda que a própria natureza da festa, que é uma referência cultural para a comunidade em questão, criou

condições para a ocorrência de problemas, sendo necessário gerenciar os incidentes. Porém, para ele a causa determinante para o insucesso da adoção do cadastramento em Pirenópolis teria sido uma interpretação equivocada do sentido da proposta.

Porque como a festa é tradicional e mistura com festa profana, tem bebida, tem alguns excessos até de cenas pornográficas. Então aconteceu alguns problemas de assédio e de coisas que as pessoas entraram com pedido no Ministério e o Ministério Público procurou a Prefeitura e a Prefeitura então se reuniu com o promotor e decidiu que fosse feito o cadastramento. Mas nós não colocamos isso como... Deixou que acontecesse pra que... No sentido de ser atendido, que nós não estávamos controlando os mascarados. Então não teve aquele aspecto como teve aqui em Pirenópolis no ano passado que foi uma coisa super desagradável. Que eles se sentiram coagidos, sentiram impedidos, e a intenção não é essa, mas eu acho que aqui a interpretação foi feita errada. Porque você tá com a máscara no rosto... Tem muita gente que vai por causa da festa, veja bem, mas tem muita gente que usa disso pra poder abusar, pra poder fazer coisas que não está de acordo com o lícito.

Considerando as explicações anteriormente citadas sobre os termos da Ação Civil Pública que determinou o cadastramento dos mascarados das Cavalhadas de Pirenópolis, esse relato permite uma reflexão a respeito das diferentes formas adotadas na condução do cadastramento nessa cidade e em Jaraguá. Enquanto em Jaraguá o cadastramento foi apresentado aos mascarados com um requisito para que eles pudessem participar de premiações, em Pirenópolis ocorreu uma judicialização do processo, com forte apelo coercitivo e punitivo, o que desencadeou uma série de reações e a emergência de discursos entre os diferentes agentes envolvidos no conflito.

Munida de informações sobre como o processo de cadastramento teria se desenvolvido em Jaraguá, passei a tentar traçar o histórico do conflito em Pirenópolis, identificando quais seriam seus aspectos mais relevantes. A partir da instauração da polêmica nessa cidade, decidiu-se investigar a respeito de como os mascarados eram vistos, qual a representação deles para os entrevistados e como era percebida sua vinculação às Cavalhadas. Para tanto, foi realizada a primeira etapa de aplicação dos questionários, sendo utilizada a primeira versão, de caráter exploratório, aplicado a 30 pessoas, visando elencar as questões mais relevantes da temática.

Compreendendo o significado dos mascarados para a população de Pirenópolis e o impacto da ideia do cadastramento

A partir da aplicação desse questionário, ficou clara a importância dos mascarados para as Cavalhadas. Para os entrevistados eles são considerados metade do atrativo da festividade e se não participassem, ela ficaria incompleta. São considerados quase como a

alma da festa, a personificação de um evento. Não se ignora, porém, a ocorrência de incidentes envolvendo mascarados, mas sua presença é considerada indispensável às festividades.

E nesse contexto, através dos relatos foi possível perceber que em muitos momentos a polêmica em torno do cadastramento em Pirenópolis não era relacionada a fazer ou não parte de um cadastro, mas de se ter ou não os mascarados na festividade. E o efeito simbólico disso foi muito forte. Só que nesta altura (uma semana antes da festa) havia grande incerteza a respeito de como seria a atuação deles e como se desenrolariam os festejos a partir disso.

Outro aspecto revelado pelos questionários foi que, a essa altura, os mascarados continuariam se opondo ao cadastramento (pelo menos esse era o discurso "oficial" entre os entrevistados). E, segundo citaram diferentes mascarados, participantes desta primeira fase de aplicação de questionários, eles não se cadastrariam nem sairiam fantasiados durante as Cavalhadas de 2012 em protesto. E, caso algum se cadastrasse e saísse para "festar", esse seria agredido pelos outros durante a festa. Nos relatos de vários deles foi perceptível esse caráter de coação dos mascarados mais antigos (em nome da "manutenção da tradição") em relação aos demais.

Isso deixou intrigada esta autora. Imaginou-se que, caso sofresse alguma ameaça ou agressão, esse mascarado poderia acionar a polícia local para pedir ajuda. Porém, mais um aspecto relevante que os questionários (aplicados a um público bem variado, mas composto por muitos mascarados) revelaram foi uma forte descrença em relação à atuação da polícia local. Nesse sentido, a ação punitiva dos mascarados mais antigos, que compreende o exercício de poder simbólico, se ocorresse, poderia ficar, provavelmente, sem punição.

Essa questão trouxe, a princípio, a ideia de Pirenópolis como uma "terra sem lei". Porém, com o aprofundamento na temática e buscando compreender o que é a vida na cidade a partir da vivência dos moradores, percebeu-se que não se tratava de ausência de regulação, mas da coexistência de diferentes tipos dela, e isso estaria relacionado a uma série de valores e circunstâncias históricas que contribuíram para a configuração daquela sociedade.

Sobre motivações e atores

A Ação Civil Pública que determinou o cadastramento teria por finalidade coibir excessos por parte de mascarados durante as Cavalhadas. Ela teria sido motivada por um assassinato ocorrido durante as festividades no ano de 2009, conforme já foi dito, e que é

atribuído, oficialmente, a alguém que utilizava máscara e que por isso até hoje não fora identificado. Essa é, pelo menos, a versão que circulou nos jornais e que pôs em discussão a figura do mascarado e a necessidade ou não do cadastramento.

Nesse contexto, a partir das várias entrevistas realizadas, especificamente as com mascarados, questionei a algumas pessoas sobre qual a solução dariam ao problema. Qual seria a alternativa ao cadastramento? Houve quem dissesse que bastava apresentar o documento de identidade em caso de abordagem pela polícia. A resposta de um jovem mascarado foi de que se houvesse maior presença de policiais à paisana seria possível identificar quem comete excessos. Eles, os mais jovens, reconhecem que parte significativa dos mascarados que sai às ruas está interessada em “bagunçar”. Os mesmos reconhecem que muitos, durante a festa, danificam o patrimônio (praças, lixeiras, carros...) e que "o pessoal deveria respeitar mais as regras". Mais adiante, porém, discutiremos a respeito do sentido que os próprios mascarados dão a suas atuações.

A maioria dos jovens entrevistados considera que o cadastramento é incompatível com a figura dos mascarados, pois se é mascarado para permanecer no anonimato. Todavia, tenho a impressão que adeririam ao cadastramento, se esse fosse levado adiante, caso não houvesse a influência dos mascarados antigos. Muitos dos mascarados mais velhos que foram entrevistados, ativos ou inativos, se opuseram ao cadastramento por dizer que "sempre foi assim (sem cadastro). Por que mudar? Foi um crime isolado...".

Foi entrevistado um mascarado de 31 anos que é condutor de turismo (morador de Pirenópolis há 5 anos, formado em Turismo e proveniente de Goiânia) que tem um discurso interessante, mesclando politização e marketing turístico. Segundo ele os mascarados, em sua maioria, seriam pessoas simples (pedreiros, lavradores, etc) e que ser mascarado é a forma que os mesmos possuem para participar da Festa do Divino, que é parte da identidade local.

Ele reconheceu que o consumo de bebidas é abusado na ocasião, porém, minimizou a questão da violência, colocando aquela morte que houve como um incidente isolado (seria um crime com motivação passional) e dessa forma apresentou o cadastramento como uma "quebra de cultura" (com estes termos). Foi o primeiro a citar a possibilidade de mascarados agredirem aos outros em caso de apoio ao cadastramento. Disse ainda que esses mascarados (de origem pobre) são gente bruta, que iriam bater mesmo.

Entretanto, foi possível verificar que não apenas pessoas de baixa renda se apresentam como mascarados. Há também empresários, gente com renda e filhos de famílias tradicionais, não existindo, neste caso, uma relação direta entre classe social e papel ocupado na

festividade. E isto deixou claro que o atributo comum aos mascarados, o qual ainda não era conhecido pela autora, era certamente de outra natureza, como no caso da “Briga de Galos” em Bali, relatada por Geertz, que só revelou seu sentido quando o autor pode acessar com profundidade aquele universo (GEERTZ, 2011, p.188).

Outro dado importante a ser assinalado é que os mascarados de Pirenópolis são conhecidos tradicionalmente por formarem um grande grupo flutuante, que se organiza livremente na época das Cavalhadas em pequenas turmas de conhecidos, e muitas vezes se prepara para “festar” com a confecção de uma fantasia igual, como se fosse um uniforme daquele grupo. Porém, se restringiriam a isso as espécies de agregação.

Entretanto, ao longo dessa primeira parte da pesquisa foi se materializando uma figura de unidade, uma associação que teria por finalidade agir em favor desse grupo amorfo: a Associação para a Preservação dos Mascarados de Pirenópolis. Essa entidade foi fundada no ano de 2011, em meio aos conflitos relativos ao cadastramento e teve participação importante no desenrolar de vários acontecimentos. Na segunda visita a Pirenópolis o presidente dessa associação foi entrevistado e contribuiu com dados muito interessantes para o alcance de objetivos da pesquisa. Essa entrevista será apresentada adiante.

Outra tarefa desta parte preliminar da pesquisa se tratava, a partir da aplicação de questionário, de fazer um levantamento sobre quais seriam os principais problemas da “Pirenópolis de hoje” relacionados por seus moradores. Foram eles:

- 1) Consumo de drogas;
- 2) Falta de saneamento ou manutenção (esgoto, buracos nas ruas, etc);
- 3) Falta ou funcionamento precário de equipamentos públicos (hospital, escola, faculdade, etc);
- 4) Insegurança, violência ou falta de crença na atuação da polícia (por incompetência, omissão ou baixo efetivo);
- 5) Falta de empregos (opções além do turismo e comércio, etc);
- 6) Falta de fontes de entretenimento ou lazer (praças, espaço para esportes, eventos, shows, fast food, etc);
- 7) Aumento populacional devido ao turismo.

Os problemas assinalados representam as principais preocupações dos moradores da cidade atualmente, refletindo expectativas em relação ao desenvolvimento da região. Oportunamente, retornarei a eles quando for tratar dos resultados da pesquisa. Passa-se agora a um segundo momento, o momento em que as festas acontecem.

2.4 Pesquisa Empírica - Segunda Etapa

As festas populares se apresentam como ricas oportunidades de análise da dinâmica social, já que através delas é possível acessar uma série de elementos simbólicos que dizem muito a respeito da sociedade em que estão inseridas. Esta parte do trabalho traz algumas observações relativas a como se desenrolaram as Cavalhadas nas cidades de Jaraguá e Pirenópolis. Com isso, procurei sinalizar algumas peculiaridades presentes na realização desse evento ritual em cada uma dessas localidades. Além disso, aproveitei a oportunidade proporcionada por essas festividades para realizar a segunda etapa de coleta de dados da pesquisa.

Cavalhadas de Jaraguá, 26 de maio de 2012



Ilustração 4: Camarotes no campo das Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

O campo de Cavalhadas, que há uma semana não apresentava estrutura de arquibancadas e camarotes, tinha agora outro aspecto. O campo é retangular, cercado por uma tela de arame trançado. Nos dois lados menores, um decorado em azul representando os cavaleiros cristãos e outro em vermelho, representando os mouros, foram construídos camarotes, altos, de metal e de estilo padronizado, que eram ocupados por autoridades e

convidados ilustres. Abaixo deles e mais à frente posicionavam-se os respectivos cavaleiros após a entrada no campo.

As arquibancadas, que antes não estavam lá, foram montadas com estruturas metálicas e posicionadas em um dos lados maiores do campo. Elas ficaram bem cheias, tendo começado a ser ocupadas bem antes do início do evento, por pessoas que se apressavam para conseguir um bom lugar para assistir às carreiras. Conversando com um participante, perguntei por que ele gostava de participar das Cavalhadas e ele, um senhor de idade avançada, com uma garrafinha de cachaça na mão, falou: *É bão pra divertir!*

No outro lado maior do campo existia uma mureta onde foram posicionadas diversas faixas com mensagens parabenizando os cavaleiros das Cavalhadas. Atrás dela, um grande espaço aberto por onde circulavam dezenas de pessoas montadas a cavalo, as quais assistiam ao evento e interagiam entre si. As Cavalhadas se apresentam como uma oportunidade de encontro onde amigos de muitos anos, famílias que já se mudaram e parentes distantes aproveitam para se encontrar com quem ficou na cidade, isso sem contar com os visitantes que vem conhecer o que a cidade tem a oferecer.

Em Jaraguá, os mascarados não entram no campo das Cavalhadas e se observava um grande movimento deles circulando a pé na frente e embaixo das arquibancadas, o que, entretanto, não atrapalhava a assistir o evento. Suas fantasias são predominantemente feitas do tecido chitão, como macacões ou conjunto de camisa e calça comprida estampados, e é generalizado o uso de máscaras de borracha representando diabos, monstros, zumbis, lembrando o universo grotesco de François Rabelais, analisado por Bakhtin (BAKHTIN, 2008, p. 22).

Uma grande quantidade desses mascarados aderiu ao cadastro, já que tem seus crachás numerados pendurados no pescoço. Na verdade costumam guardá-los por dentro da roupa, mas solicitei que mostrassem e estavam lá. Muitos têm mangueirinhas atravessando a máscara, de forma que podem server bebidas sem tirá-las. É possível perceber ainda uma grande quantidade de crianças participando como mascarados, o que pode ser dito a partir do porte, que no geral era bem pequeno. Pelas ruas se viam poucos mascarados a cavalo e só vi três utilizando máscaras de boi iguais às de Pirenópolis. Então perguntei ao que parecia ser mais velho o motivo de em Jaraguá quase ninguém usá-las, ele, sem falar, fez o sinal de dinheiro, no sentido de que eram caras.



Ilustração 5: Bebendo sem tirar a máscara. Cavalhadas de Jaraguá – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

Além disso, uma grande quantidade de mascarados caminhava pelas ruas e também se posicionava atrás dos camarotes, numa região aberta que comportava diversas atrações. Nesse local, além de ambulância para prestar atendimento em caso de emergência, havia uma série de atrações disponíveis aos participantes, tais como barraca de tiro ao alvo, parquinhos elétricos e pula-pulas infantis, uma piscina onde flutuavam enormes bolas, barracas de comidas e venda de bebidas.

Nessas Cavalhadas, existe no lado mouro a figura do “Espia”, única pessoa de máscara que entra no campo. Ele, assim como o mascarado disfarçado de onça nas Cavalhadas de Pirenópolis, tem função importante no início das encenações. Os cavaleiros usam fantasias muito brilhantes e bem ornadas, e desempenham suas carreiras de forma elegante, fazendo sucesso junto à plateia que assiste ao evento. As famílias desses cavaleiros formam um coro especial que os saúda a cada evolução.

Após a realização das Cavalhadas, todos os participantes podem integrar o desfile da Entrada da Rainha ou se posicionar pelas ruas para assisti-lo, o que é um momento muito esperado das festividades. Esse desfile, passando pelas principais ruas da cidade, é uma ocasião de integração e permite a participação de toda a comunidade. Após o desfile, que conta com a participação de “carroças de som” tocando música eletrônica, um enorme foguetório concentra os participantes diante da Igreja de Nossa Senhora da Penha.



Ilustração 6: “Carroças de som”. Jaraguá – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

E foi nessa ocasião, em que centenas de pessoas se encontravam pelas ruas do centro da cidade de Jaraguá, que realizei a aplicação de questionário visando principalmente conhecer a opinião dos moradores a respeito do cadastramento dos mascarados, que nessa localidade já está implementado há cerca de cinco anos.

Além disso, também objetivou, entre outros aspectos, obter informações a respeito da vinculação dos moradores às Cavalhadas e saber se consideram importante para a cidade a realização desse festejo. Cabe ressaltar que a opção pela utilização dessa técnica se deu pelo interesse no aspecto simbólico dos dados.

Em Jaraguá, colaboraram com a pesquisa 29 pessoas, sendo 10 homens e 19 mulheres. Os participantes tinham entre 10 e 68 anos e possuíam ocupações diversas. Desses, 14 nasceram no município, enquanto 15 eram provenientes de outras cidades, mas frequentavam a festa com certa regularidade. Contudo, todos participaram da história recente do local, estando em condições de contribuir com informações a esta pesquisa. O nível de instrução dos colaboradores foi variado, sendo que 13 possuíam Ensino Fundamental, 13 o Ensino Médio e 3 o Ensino Superior. Para efeito dessa definição, considerou-se os graus estarem completos ou incompletos.

A partir de agora serão citadas questões na forma como se encontravam no questionário, e em seguida, apresentadas algumas considerações a respeito:

Participa de alguma maneira das Cavalhadas?

Sobre a vinculação com esse evento, 25 pessoas afirmaram participar, enquanto apenas 4 não participavam. Esse é um dado importante, pois mostra que também nessa cidade a realização desse ritual mobiliza os moradores e se apresenta como uma festividade esperada com expectativa, mas não é uma unanimidade.

Já ouviu falar alguma coisa sobre o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas?

Dos participantes da pesquisa, 21 já tinham conhecimento sobre o cadastramento, enquanto apenas 8 não conheciam. Considerando que o cadastramento já ocorre há cerca de cinco anos, pode-se dizer que esse tema já se tornou um assunto comum na localidade e que tem sua divulgação retomada a cada edição da festa.

Acha que o cadastramento dos mascarados é importante?

Das 21 pessoas que já haviam ouvido falar do cadastramento, todas consideraram essa medida importante. Esse aspecto é bastante relevante para os objetivos da pesquisa, já que revela que no contexto das festividades, mesmo cinco anos após sua implementação, essa medida continua trazendo benefícios para a comunidade.

Quando perguntados pelo motivo da aprovação, os colaboradores informaram que o cadastramento é importante principalmente no sentido de evitar confusão e problemas, cabendo a lembrança de que em Jaraguá ele foi adotado justamente no sentido coibir excessos durante a festa. Outra justificativa apresentada foi que essa medida atua como forma de regular e organizar os mascarados, além de ser importante para a segurança da população e uma forma de denunciar atitudes irresponsáveis por parte deles. Enfim, todas as respostas, de uma forma ou de outra, defenderam o estabelecimento de certos limites para a atuação dos mascarados.

O que significam as Cavalhadas para você?

Desejando conhecer a respeito da representação que os moradores tinham da realização das Cavalhadas, perguntou-se o que esse evento significava para eles. Essa era uma questão com resposta aberta, de forma que os informantes puderam se manifestar livremente, inclusive com mais de uma resposta. Após o levantamento dos dados, a palavra mais citada foi “tradição”. E esse é um dado relevante, pois se refletirmos sobre o que significa tradição

nesse contexto, pode-se concluir que a realização desse evento é importante para as pessoas por sua repetição, por que “sempre foi assim”.

Nesse sentido, cabe lembrar que, para Weber, ação social significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso (WEBER, 1991, p. 3). E esse autor ainda define que a ação social pode ser determinada de modo tradicional, por costume arraigado. Assim, o comportamento estritamente tradicional se encontraria no limite e muitas vezes além daquilo que se pode chamar, em geral, ação orientada “pelo sentido”, pois frequentemente não passa de uma reação a estímulos habituais que decorre na direção da atitude arraigada (WEBER, 1991, p. 15).

Acha que as Cavalhadas são importantes para Jaraguá?

A essa pergunta, 28 colaboradores responderam que sim, e apenas 1 disse não. Esses dados confirmaram que esse evento, inserido nas festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo, é relevante para a localidade. E de todas as razões apresentadas, a que mais se destacou foi que o evento atrai turistas, seguido do argumento de que é diversão para a população e uma tradição que divulga a cidade. Esses aspectos chamam a atenção para o fato de que essa festividade possui valor além do simbólico.

A aplicação desse questionário, mesmo que para um número pequeno de pessoas, permite assinalar aspectos interessantes para a análise de um contexto, já que fornece pistas a respeito do que essas pessoas consideram relevante e da vinculação que elas têm com acontecimentos do seu cotidiano. A seguir, apresento observações referentes à realização das Cavalhadas de Pirenópolis e após, algumas considerações a respeito daquele contexto.

Cavalhadas de Pirenópolis, 27 de maio de 2012

A rua do “Cavaliódromo” já está interditada para os carros. Nela várias barracas de comidas e bebidas estão posicionadas para atender aos grupos de pessoas que vão e vem. Muitos mascarados, de todas as cores e formatos, já circulavam e interagiam com os presentes. Bem antes do início do evento, pessoas começam a chegar ao local. Esse encontro é tão apreciado e tradicional para a comunidade que até idosos moradores de um asilo nesse dia são trazidos por freiras para participar.

Moradores antigos, gente das fazendas, parentes que se mudaram da cidade e retornam por ocasião dos festejos. Políticos, cinegrafistas, turistas, muitos turistas. Muitos que vinham assistir não entendiam muito bem o sentido daquelas encenações, mas mesmo assim o evento era empolgante. Os mais velhos costumam permanecer sentados ou visitar os conhecidos nos camarotes. Os mais jovens também vão até as arquibancadas, mas geralmente saem para circular, para encontrar os amigos. O Cavalcódromo para eles não é final, mas o início. Afinal, como disseram alguns: *“Para o jovem, a cavalhada é o rancho!”*.

O Cavalcódromo foi uma construção especialmente projetada para esse evento ritual, apesar de se apresentar como um espaço voltado a múltiplas funções. Com formato retangular, possui em seus dois lados menores torres altas destinadas a receber os familiares dos reis mouro e cristão. Abaixo, duas fileiras de camarotes construídos e decorados de forma independente pelas famílias. Nos dois lados maiores do campo se posicionavam as arquibancadas e acima delas mais camarotes.



Ilustração 7: Vista do “Cavalcódromo” durante as Cavalcadas. Pirenópolis - GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

No alto da arquibancada direita ficam a banda, autoridades e alguns responsáveis pelo evento. Nesse local foi construída uma nova estrutura que não existia na festa anterior. É uma espécie de proteção, que na prática servia para fazer alguma sombra, bem vinda, para quem assistia ao evento dessa arquibancada. Era possível ver, além disso, várias faixas distribuídas pelo local. Algumas publicitárias, outras em homenagem aos participantes das Cavalcadas e

muitas, padronizadas, em agradecimento ao Governador Marconi Perillo e sua esposa, pirenopolina de nascimento, pelo apoio à realização do evento.

Amendoins, pipocas, refrigerantes e cervejas, tudo era comercializado sobre as cabeças de quem aguardava o início do evento. Também podiam ser comprados DVDs com filmagens de edições anteriores das Cavalhadas. Ambulantes faziam verdadeiros malabarismos com caixas de isopor na cabeça, e se equilibrando na ponta dos pés. Vendedores de brinquedos se posicionavam estrategicamente diante das famílias e a tática funcionava. Toda sorte de quinquilharias era comercializada em torno do campo, na entrada e atrás dos camarotes.

Na entrada do campo se via um grupo de policiamento especial, vindo de outra localidade para apoiar a segurança do evento no município. Ao lado, uma tenda do corpo de bombeiros estava de prontidão para atendimentos emergenciais. Em volta algumas pequenas bancas com artigos à venda. Na rua diante do campo, dezenas de barracas de alimentos e bebidas, gente que vinha de cidades como Anápolis para tentar fazer dinheiro com as Cavalhadas. E na vizinhança, uma espécie de danceteria tocando músicas bem diferentes das que tocavam no campo.

Iniciado o evento, foram vistos muitos mascarados entrando no campo e fazendo evoluções, o que diferiu da edição de 2011, onde quase não participaram. Isso é um ponto importante a ressaltar, e que ficará mais claro adiante. Foi perceptível uma melhora no visual das fantasias desde a festa anterior e os mascarados, após entrarem, demoravam, como de costume, a sair para que os cavaleiros pudessem continuar as apresentações. Por conta disso, o coordenador do evento chamava, pedia licença e falava sobre um pacto que eles deveriam cumprir. “*O que foi combinado?!*”, ele dizia.

Isso revelou que houve um processo de negociação desde a última festa, no sentido de viabilizar a participação dos mascarados. Logo depois, mais mascarados surgiram sustentando uma bandeira em que agradeciam à Associação para a Preservação dos Mascarados de Pirenópolis o apoio e vitória na luta do cadastramento. Também pelos alto-falantes um representante agradecia o apoio de várias entidades que teriam contribuído para os mascarados poderem participar da festa sem cadastro.

As arquibancadas ficaram bastante cheias nessa edição das Cavalhadas e as pessoas pareciam satisfeitas com a realização do evento. Não se pode deixar de falar das apresentações dos cavaleiros que eram motivo de orgulho e muito aplaudidos por suas famílias sempre que se apresentavam no campo. Quase no final, graças aos constantes atrasos

causados pela demora em os mascarados deixarem o campo a cada carreira, o mestre de cerimônia disse a eles para se apressarem, pois a “*Cavallhada é um ritual e tem hora para acabar!*”, o que, neste caso, significa que estava escurecendo e o Cavallhódromo não tem iluminação.

Nesse processo foi possível identificar a existência de vários agentes que, realizando diferentes articulações, tiveram participação importante nas discussões relativas ao cadastramento. Alguns deles são agentes endógenos, fazendo parte do *nós* – “gente da terra”, enquanto outros são exógenos, representando uma *alteridade* que em alguns casos é considerada como uma ameaça à paz e preservação da cultura e identidade local.

Um relato muito interessante nesse sentido foi o do Sr. Eudes Forzani, presidente da Associação para a Preservação dos Mascarados de Pirenópolis (AMAPIRENOPOLIS), a partir de entrevista concedida em 28/05/2012. Segundo esse relato, essa associação teria sido criada como uma maneira de representar os mascarados, grupo flutuante que até então não possuía alguma representação ou lideranças instituídas com legitimidade para falar em nome do todo. Além disso, serviria para, em meio à polêmica instaurada em torno da regulação da participação dos mascarados nas Cavallhadas, empreender ações pela preservação dessa figura, tão cara ao que se sustenta como identidade pirenopolina. Segundo ele,

A associação foi criada porque foi a única maneira da gente conseguir não ter essa numeração. Porque estava já tramitado em julgado e eu conversei com o juiz local e ele me deu essa idéia... Inclusive a gente já na quarta-feira próxima à festa do ano passado (2011) que foi a única maneira de criar essa associação e tentar lá no tribunal derrubar essa ação do judiciário. Só que ele falou que o tempo estava muito curto e aí a gente... Eu tava no fórum, saí e fui procurar alguns amigos e procurei contador, advogado, pessoas que são da cidade para ajudar a gente a formar a associação, aí procurei pessoas que já tinham associação. A gente tinha que fazer estatuto... Então um grupo de pessoas que são pirenopolinas e que amam a terra... Aí a gente juntou e fez essa associação em tempo recorde, a gente começou na quarta-feira colhendo assinaturas, correndo, fomos no cartório, registramos, registramos na receita federal, conseguimos CNPJ, tudo [...], aí domingo, como no sábado o pessoal tava em festa, a gente ficou trabalhando o estatuto e na segunda-feira da festa que era feriado, em Goiânia não era, nós fomos para Goiânia com a associação toda arrumada, toda organizada e demos entrada numa rescisória. Dessa vez a gente [...]. E nós fomos para lá de manhã, quando foi quatro da tarde da segunda-feira da festa anterior, a gente conseguiu... Sendo que na festa não tinha um mascarado sequer... Então quando saiu a notícia de que no outro dia, a partir daquele momento podia mascarado... No outro dia foi um número recorde de mascarados.

As Cavallhadas são um evento ritual, com programação fixa, e isso permite, a quem acompanha a vários anos, perceber o quanto a edição de 2011 foi truncada, como se a incerteza a respeito de como seria realizada tivesse deixado seus personagens (os vários grupos que se apresentam além de cavaleiros e mascarados) um pouco “perdidos”, o que se refletiu nas apresentações.

É necessário considerar que a realização das Cavalhadas é uma oportunidade de fruição para uma comunidade (SPINELLI, 2010, p. 61), que a percebe inserida nos festejos do Divino Espírito Santo. Ela é uma festa religiosa, mas também profana. Porém, tem também sua realização focada no turismo. Assim, a materialização desse evento acaba sendo o resultado de dedicação e esforços de diversos grupos dentro da sociedade pirenopolina, o que compreende ações de divulgação, captação de recursos, confecção de fantasias, ensaios, montagem de estrutura, preparação de animais e fabricação de diversos produtos para comercialização. E o conjunto dessas ações compõe o ritual que acentua as características da cidade.

O que se sabe é que desde a edição da Ação Civil Pública que determinou o cadastramento houve uma série de embates judiciais envolvendo a Prefeitura, a Associação e o Ministério Público, todas no sentido de, ora obrigar, ora suspender a obrigação de cadastrar os mascarados. Isso causou grande desgaste junto à população que acompanhou as discussões e gerou muita incerteza a respeito de como iriam se desenrolar as festividades.

Apesar dos contratemplos por que passou a edição de 2011 da festa, com a ação rescisória em favor da Amapirenópolis e a participação dos mascarados no último dia das Cavalhadas, houve a sensação de uma suspensão do conflito, de uma volta à normalidade. Porém, nos bastidores continuava a ocorrer uma série de negociações e os embates no judiciário continuaram.

Nesse período, essa associação buscou maneiras de contribuir para que na edição das Cavalhadas de 2012 pudessem se reduzir os incidentes envolvendo mascarados, os quais eram comuns e utilizados como justificativa para a obrigatoriedade do cadastramento. Além disso, empreendeu esforços no sentido de proporcionar melhores condições de atuação deles durante as festividades.

Dentre as ações realizadas podemos citar a criação de ponto de apoio com água para mascarados e cavalos; material de sutura e socorros; e dois veterinários à disposição em área contígua ao Cavalcódromo; funcionamento de banheiro específico para os mascarados no ponto de apoio; organização do trânsito para melhoria do acesso dos mascarados ao Campo das Cavalhadas, além de evitar acidentes.

Negociou-se também a participação dos mascarados no intervalo de cada carreira nas Cavalhadas, fato que não ocorria anteriormente, pois não existia quantidade estipulada de entradas no campo. Entretanto, solicitou-se que respeitassem o tempo de realização do evento, de forma a sair do campo quando solicitados. Sr. Eudes afirmou que os mascarados que

insistiam em não deixar o campo foram, na edição de 2012, em sua maioria, jovens que hoje moram em outras cidades e que vem para a festa, portanto, desconhecedores das negociações.

Outra medida adotada foi a busca de conscientização dos mascarados no sentido de combater os maus-tratos aos animais. Isso se deveu a reclamações de pessoas pelo uso de esporas e desgaste dos animais, posto que, nos dias de festa, os mesmos costumam ser utilizados até tarde da noite, sem acesso adequado a água, alimento e oportunidade de descanso.

Outro ponto levantado pela associação foi a necessidade de melhor esclarecimento do efetivo policial (recrutado em outras localidades) sobre as características de realização das Cavalhadas, pois mascarados foram barrados na entrada do Cavalhódromo em edição anterior, nas palavras de Sr. Eudes, “porque estava havendo um evento lá. E o mascarado é o próprio evento!”. Nesse aspecto, defendeu o uso de “gente da terra” para apoiar a condução da festa.

Na ocasião desse relato, Sr. Eudes buscou esclarecer algumas questões relacionadas à atuação dos mascarados e que muitas vezes, segundo ele, são mal interpretadas pelas pessoas que não conhecem a natureza da festa, e utilizadas como justificativa para a necessidade de implementação do cadastramento. Como será possível perceber, existe uma representação de mascarado, um modelo, com um rol de atitudes consideradas normais e até mesmo esperadas, e pra quem o cadastramento se apresentaria como desnecessário, mesmo humilhante, diante do valor tradicional de sua manifestação.

Sobre esse tema, Goffman assinala que além de práticas diferentes poderem assumir a mesma fachada, é necessário observar que uma mesma fachada social tende a se tornar institucionalizada, em se tratando de expectativas estereotipadas que se instauram e tendem a assumir um sentido e uma estabilidade à parte, independentes da ação que é desempenhada em seu nome. A fachada passa a ser uma representação coletiva, e um fato, por direito próprio (GOFFMAN, 2011, p.34).

Ontem mesmo eu presenciei uma cena até engraçada. Quem olha assim, é um homem vestido, mas era uma mulher vestida, porque ela veio perto de mim e riu, conversou comigo e você vê que a voz é feminina. Então as vezes brincam porque acontece muito isso: a pessoa tá junto aqui com você e conversando e tal e a roupa tá lá no camarote. Aí ela sai daqui e vai lá no camarote... Conversa com você alguma coisa, vai lá no camarote, veste a roupa e vem e fica te amolando aqui. E você não sabe que é aquela mesma pessoa que tava conversando com você e que foi lá... Então acontece de mulher chegar e tentar brincar com a outra, pegar nela. As vezes não gosta que pega nela. Então as pessoas vêem e vê as vezes a pessoa meio brava, xingando e fala não, que o mascarado tá pegando e não é isso. Então eles generalizam a coisa. O mascarado... Se um fizer qualquer coisa falam que é o mascarado em si, mas não é. Então a gente vê menino: Ó meu avô, tá bonito não tá, de mascarado? Então você vê: tem avô, tem neto, tem tio, tem marido, esposa... Então você vê: é a família que sai. Então as vezes a mulher brinca com alguém, as

vezes a mulher tá saindo e depois o marido vai e veste e chega nela e fica querendo abraçar e ela acha ruim, mas sendo que é o marido que tá brincando com ela. A pessoa as vezes tá vendo e pensa que é o mascarado querendo pegar na mulher mas é o marido que chega lá e tá brincando com ela e ela não tá sabendo. E isso que é o bom da festa, não saber, é o anonimato que é o bom da festa, você brinca com as pessoas [...].

Fato é que, durante a coleta de dados da pesquisa, foi relatada pelos colaboradores em diversas ocasiões a ocorrência de problemas envolvendo mascarados durante a realização das festividades, tais como pessoas feridas pelo choque com cavalos; assédio variado; depredação de patrimônio público e particular; maus-tratos aos animais e problemas relacionados ao abuso de álcool.

O entrevistado reconheceu a ocorrência de incidentes durante as Cavalhadas, e manifestou preocupação no sentido de empreender ações educativas e de esclarecimento dos mascarados visando à redução dos problemas e melhoria da convivência com a comunidade que participa das festividades. Nessa parte do relato, foi perceptível certo constrangimento por parte do entrevistado e mais uma vez ficou clara a questão de uma dualidade quando se trata de pensar a necessidade do cadastramento. Novamente se fez presente a oposição entre o sentido que o *nós* – “gente da terra”, gente que compartilha os mesmos valores – e o *eles* – a alteridade, que não compartilha – dá à sua vinculação à festa.

Não vou negar para você que tem algumas pessoas que ainda usam do momento. Então tem pessoas que... A gente tá querendo é... A gente tá pedindo uma maneira da gente tentar coibir isso. Porque tem pessoas que chegam aqui e pegam essas máscaras na barraca aí, de borracha, põe no rosto e sai para a rua... Quer aproveitar do momento. Então, sabe, pedindo dinheiro, não precisa das pessoas pedirem, pegando as coisas, aproveitando do momento. Então essas pessoas é que a gente quer que seja identificada e que seja levada à justiça [...]. E a gente quer também que o mascarado procure não brincar com a pessoa que não gosta, questão de educação. Não subir com cavalo em calçada, ter cuidado com os carros.

Na mesma entrevista, perguntei ao Presidente da Amapirenópolis se ele acreditava que, caso o cadastramento em Pirenópolis não ficasse sob responsabilidade da Polícia ou da Prefeitura, ele seria melhor aceito pelos mascarados. A razão dessa questão foi ter percebido, principalmente a partir do relato de jovens da cidade, considerável oposição ao desempenho da polícia local e mesmo desconfiança em relação a ela, o que poderia ser um fator relevante para a aversão ao cadastramento.

Eu acho que sim. A gente tava inclusive pensando... se não... Porque o número da prefeitura, que a prefeitura fez é realmente... Parece que tem trinta por trinta (centímetros). Então o mascarado arruma, gasta... Eu sei porque o meu filho tá saindo agora. Eu tive que comprar um cavalo, comprei arreio, roupa, até tive que ir em Anápolis pra comprar pano pra ele, um tanto de coisa, polaca... Então você gasta quase três mil reais para sair de mascarado. Então você bota um baita número na frente tampando aquela roupa que fez, não tem muito sentido, né? Então a gente queria que fizesse uma carteira de identificação, colocasse por dentro da roupa...

Que a qualquer momento o policiamento podia parar e pedir identificação. [...] Como um crachá pendurado. Seria o ideal, né? Pra que a pessoa sempre andasse. [...] Plastificado, porque a pessoa transpira muito. É o que a gente tava pretendendo. Já estávamos em contato com o promotor sobre isso. Só que a gente tava em contato com ele, mas também tava tentando a rescisória. E a partir do momento que a gente teve certeza que a rescisória tava, que a gente ia ganhar, a gente não voltou a conversar, mas ele foi até aberto. Se a associação fizesse uma numeração e levasse para ele, pra ele aprovar e aí a associação ficaria responsável por essa numeração.

Esse relato traz outro aspecto importante a ser tratado. Em diversas ocasiões percebi que quando mascarados se manifestavam contrários ao cadastramento, não se tratava de ser contra a ideia em si de participar de um cadastro, mas contra a forma como essa numeração os exporia. Essa foi mais uma indicação de que relatos totalizantes, muito utilizados por determinados atores no conflito, de que *“a cidade toda é contra essa numeração”* tem de ser encarados com bastante cautela. Os próprios questionários revelaram que, apesar de as opiniões estarem bastante divididas na cidade, por uma pequena diferença a maioria dos entrevistados considerou importante o cadastramento, principalmente por questões de segurança.

Perguntei ao entrevistado se a relação entre a associação e a polícia local seria um problema. De forma interessante, a resposta a essa questão mostrou como atores do conflito se articularam visando encontrar soluções ao impasse instaurado pelas discussões do cadastramento. A associação, mesmo tendo sido criada recentemente, logo alcançou considerável legitimidade no contexto. Isso pode ser atribuído ao fato de os mascarados, que costumeiramente formavam grupos flutuantes e por afinidade, se verem, pela primeira vez, representados enquanto um único grupo. Entretanto, não pode ser ignorado o fato de o presidente da associação, assim como outros integrantes, serem originários de tradicionais famílias pirenopolinas, o que pressupõe capital simbólico.

Não, não. Ótimo. O comandante, inclusive, ele é daqui de Pirenópolis e sempre que a gente reuniu, a associação reuniu, sempre a gente chamou e sempre ele tava presente, sabe? E inclusive a gente tava querendo colocar policiais entre os mascarados pra ajudar a identificar as pessoas que tavam abusando do momento. Então que ele pegasse, prendesse, porque a gente não tem esse poder, mas como o policial tava junto com a gente, saindo com os grupos de mascarados, botar um, dois como mascarado e pegar aquelas pessoas que tavam fazendo isso. Então pegar, identificar, e punir conforme a lei. Então é isso que a gente tá pensando. Educar. Aqueles que não querem obedecer a gente tem que punir. Até acho que é uma questão de, não só de preservar a festa, mas também acho que por uma questão de educação [...].

A razão para essa pergunta foi a tentativa de elencar os principais atores envolvidos na problemática do cadastramento dentro da cidade de Pirenópolis. Diversos são os trabalhos, a exemplo de Tamasso (2007) e Veloso (2006), que de maneiras variadas focam atenção sobre a agência de organizações não-governamentais em contextos de patrimonialização, nos

servindo como importante auxílio na hora de problematizar temas relevantes ao universo da cultura popular. Nesse sentido, questionei ao Presidente da associação se teria havido a participação de organizações dessa natureza nas discussões relativas ao cadastramento.

Não. Nenhuma ONG teve. Inclusive a associação foi criada justamente com medo de ONG aproveitar do momento. Inclusive eu comecei com essa idéia, eu fui ao fórum levar um DNA lá pro juiz e ao sair do fórum eu espantei: tava lá um tanto de gente fazendo protesto, não querendo o número. Eu espantei, vi o pessoal de ONG conversando em fazer isso: em tentar pegar esse mascarado pra ONG. Como eles já tentaram patentear máscara, aí eu achei um absurdo. Pensei: Será que não vai ter ninguém de Pirenópolis para fazer isso? Vai deixar mais uma cultura da gente ir para a mão da ONG? Porque eles fazem o quê: eles fazem o projeto, buscam o dinheiro e ficam com o dinheiro e não fazem nada para a cidade. A realidade é essa: não fazem nada.

Esse relato apresenta uma questão que não pode ser ignorada. Vive-se no Brasil uma época de valorização do patrimônio cultural em suas diversas manifestações, o que pode ser notado por ações de preservação e valorização empreendidas em diferentes regiões do país. Porém, esse processo está longe de ser pacífico, já que sua implementação se dá num campo de lutas, em que estão em jogo mais que objetos de memória, mas a aquisição de poder e posições de influência. Sobre esse processo, reflete Veloso que é louvável a valorização do patrimônio cultural, que ao mesmo tempo enaltece a tradição e se apresenta como índice de modernidade. Entretanto, há o perigo da apropriação politqueira, patrimonialista e privatista desse patrimônio, que nega sua característica mais poderosa e fonte de legitimidade, o fato de ser uma produção coletiva (VELOSO, 2006, p. 445).

Ainda sobre essa temática, o entrevistado apresentou, com pesar, sua visão acerca do que considera ser a dinâmica de atuação de ONGs na cidade de Pirenópolis. Esse assunto, bastante controverso, merece problematização e se apresenta como tema interessante para realização de pesquisas.

Porque aqui, infelizmente, a gente fica sabendo de muita ONG aqui, mas não vê fazer nada de ação, é tudo para interesse próprio. Eles usam nossa cultura para ganhar dinheiro. E pegam o pessoal que mexe com as rezas antigas, eles entram no meio, fotografam, fazem tudo, fazem documento, entrevistam um ou outro e faz... E vão lá e buscam o dinheiro. Eles entram no meio da congada, essas coisas, se vestem, entram no meio, depois falam que estão ajudando, botam alguém deles no meio.

Nesta etapa da pesquisa, além de realizar entrevistas, também efetuei a aplicação de alguns questionários. Porém, meu objetivo principal era mesmo observar os acontecimentos relativos à realização das Cavalhadas e fazer anotações. Também fiz muitas fotos, que me serviram para embasar as anotações e apoiar a memória no processo de escrita desta monografia. Mas um aspecto que considero importante ressaltar nesse processo é que, na aplicação de questionários em período anterior à festa, os moradores mostraram bastante

disposição em relatar os problemas da cidade. Já no período das festividades, isso se reduziu consideravelmente.

E isso me fez pensar a respeito do universo carnavalizado, natural à época de festividades, apresentado por Bakhtin. A partir disso é possível considerar que durante as festas, a exemplo das Cavalhadas, se opera uma mudança na ordem do vivido, dando a impressão da existência de outra vida. Esse autor afirma que durante as festividades os espectadores não as assistem, mas as vivem. Ele defende ainda que enquanto duram as festas, apresentadas por ele por *carnaval*, não se conhece outra vida e que é impossível escapar a esse universo festivo, pois ele não tem nenhuma fronteira espacial (BAKHTIN, 2008, p.6).

2.5 Pesquisa Empírica – Terceira Etapa

Esta etapa correspondeu à última visita à cidade de Pirenópolis, alguns meses após a realização das Cavalhadas. O objetivo desta incursão foi concluir a aplicação de questionários aos moradores num ambiente que representasse a cidade em seus “dias normais”, sem o impacto das festividades. Isso se justificou pelo fato de que foi possível identificar anteriormente uma mudança significativa na disposição dos moradores em apontar os problemas da cidade durante a época das festas, em que o ambiente parecia tomado por uma sensação de satisfação pelo pertencimento àquela comunidade e suspensão de conflitos. Ressalto que os dados resultantes da aplicação de todos os questionários serão apresentados em um capítulo exclusivo, adiante, onde serão feitas algumas considerações a respeito.

A ocasião dessa visita foi aproveitada também como oportunidade para entrevistar mascarados e tentar compreender a natureza de sua atuação dentro das festividades. Nesse sentido, quis saber sobre o contexto de início de sua participação como mascarado; o que os motivou a iniciar a participação; e solicitei ainda que eles tentassem expressar o que é ser mascarado. A partir disso foi possível identificar uma série de elementos que ajudam a explicar o papel que essa manifestação tem dentro de sua sociedade e o quanto o conflito relacionado ao cadastramento colocou em xeque uma série de valores relacionados com a forma como as próprias pessoas se enxergam nesse contexto.

CAPÍTULO 3

Sobre ser mascarado

O que garante ainda tal singularidade simbólica é o enraizamento dessas manifestações culturais num repertório social vivenciado coletivamente, o que proporciona a atribuição de sentido à vida social de modo visceral e não apenas artificial. A atribuição de sentido às práticas culturais permite associar elementos e acontecimentos da realidade social concreta e faz com que os sujeitos sociais construam o próprio sentido da sua identidade social (VELOSO, 2006, p.451).

Segundo Bakhtin, a máscara se impõe como o motivo mais complexo e carregado de sentido da cultura popular, traduzindo a alegria das alternâncias e reencarnações, a alegre relatividade, a negação da identidade e do sentido único. Seria também a expressão das metamorfoses e das violações das fronteiras naturais. Esse autor afirma ainda que o simbolismo delas é inesgotável (BAKHTIN, 2008, p.35).

A máscara, desde seu uso no remoto passado, comunica, mesmo que sem o uso de palavras. Ela é, sem dúvida, um símbolo significativo mediante o qual os homens atribuem significado ao que vivenciam e se auto-orientam no curso das experiências (GEERTZ, 2011, p. 33). Não há como negar seu caráter simbólico e o fato de sua permanência, já que os indivíduos as encontram em uso em suas sociedades quando nascem, aprendem seu significado social e elas permanecem sendo usadas após sua morte.

Palavecino, por sua vez, assinalou que esse instrumento está inserido em um conjunto de eventos tradicionais de importância histórica na América Hispânica, ocorridos desde a época das colonizações, como herança europeia. O interessante é que seu relato traz muitas semelhanças com o que se observa ocorrer nas Cavalhadas estudadas aqui.

Forma parte de ese cuerpo de usos y costumbres la celebración de fiestas en las cuales las mascaradas tienen lugar prominente. Con motivo de los festejos del santo patrono, de la Semana Santa, de Navidad, de la llegada de un nuevo virrey o del onomástico de un personaje, y hasta por mero capricho, se celebraban “ruadas”, o desfile de enmascarados o disfrazados, en los que corporaciones gremiales, cofradías y personajes importantes tomaban parte con caballos y carrozas alegóricas, bailando al son de la música y llegando incluso a representar, en un momento dado, pantomimas históricas. Luchas de moros y cristianos se representan todavía en Cuba, El Salvador, Ecuador y México (PALAVECINO, 1954, p.136-137).

Isso nos mostra que o tipo de manifestação a que nos referimos neste trabalho tem raízes profundas, distantes no tempo e no espaço, mas que mesmo assim continua a gerar

ressonâncias. O mascarado que emerge das festas populares do Brasil, por seu caráter cômico, representa o que Bakhtin denominou como realismo grotesco, ao se referir ao tipo específico de imagens da cultura cômica popular (BAKHTIN, 2008, p.27).

Porém, o que se entende por cultura cômica popular não se reproduz sozinho, sendo sua materialização o resultado de ações motivadas, de indivíduos com agência dentro de um contexto. Nesse sentido, decidi dedicar esta parte do trabalho a dar voz a quem sustenta a máscara, buscando compreender qual o sentido que essas pessoas atribuem à sua transmutação. De onde vem a vontade de ser mascarado? E o que essa experiência suscita? Eis o que busco apresentar a partir de agora.

A partir dos relatos ouvidos ao longo da pesquisa, o primeiro aspecto a tratar é que ser mascarado em Pirenópolis é uma experiência que denota o desejo de pertencimento. Para muitos, começar a “sair de mascarado” atua como um ritual de passagem, algo que fascina. É uma ocasião em que o indivíduo materializa algo que tem significado para sua comunidade, significado que ele ainda não detém, e que existe mesmo antes de ele nascer. É o desejo de conhecer, e, conhecendo, enxergar-se como parte de algo maior. Perguntados a respeito de qual teria sido a motivação que os levava a tornar-se mascarado, responderam:

Ah, por causa que meus pais já foi, meus tios já foi, e também por que é uma tradição em Pirenópolis. Sempre gostei. Aí experimentei e gostei. Aí o resto... Todo ano que teve depois que fui a primeira vez, fui de novo. (Valdo*, 16 anos)

E eu sempre adorei aquela magia de tá lá no meio das pessoas, de sair junto de mascarado, tudo. Pra mim, eu gosto, né! Tem muita gente que não gosta e critica. Eu não. Eu gosto daquilo não pela bagunça, não por, nada. Porque eu nem faço bagunça lá no meio, eu quero é tá lá, eu quero é levar pra frente uma coisa que meus pais gostaram, que todo mundo gosta na minha família. (Cláudia*, 18 anos)

Porque sempre achei muito bonito e eu queria sentir essa sensação. De como é que era quando você tá com a máscara, alguém não saber que é você, você fazer brincadeira... Queria saber qual é a sensação. (Elena*, 30 anos)

Ah, por que os meus primos saía, aí eu sempre quis sair. (Murilo*, 19 anos)

Ah, pra experimentar, né, o desconhecido. Porque a gente vê, mas nunca tinha participado, e no ano passado eu saí com as minhas filhas que já são adolescentes também, já são jovens e aí é muito divertido, sabe? Tem que experimentar para saber, não dá para descrever muito não, é uma coisa assim que só experimentando pra saber. É muita brincadeira. Você fala com as pessoas íntimas suas e não sabem quem você é. Aí fica uma curiosidade para saber se você é homem ou se você é mulher. Então é um barato. É muito gostoso. É bom demais. (Ivete*, 48 anos)



Ilustração 8: Mascarados durante o “Hino do Divino”. Pirenópolis - GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

Quando solicitados a contar a respeito do contexto de início de suas participações como mascarados, os colaboradores revelaram que essa experiência é altamente sensorial, repleta de expectativa e que se apresenta como um corte na experiência, uma oportunidade de viver, mesmo que por pouco tempo, uma vida distinta da que se tinha normalmente. Fato interessante é que quando perguntados sobre qual idade tinham quando começaram, responderam prontamente, revelando que esse é realmente um fato marcante em suas vidas.

Eu tinha onze anos, foi muito emocionante. Eu gostava, nunca tinha saído e inspirei no meu pai, nos meus tios que já tinham saído e gostei. Achei muito emocionante, gostei. (Valdo*, 16 anos)

Na verdade eu saí um ano só. Mas foi assim: eu tava com vinte e um, vinte e dois anos. Morava em Goiânia, mas vim para a festa, né. Aí eu sempre gostei de sair no dia mais tranquilo, não no domingo. Tipo na segunda que é o dia mais tranquilo. Aí juntamos uma turma e saímos sem ser a cavalo, a pé. Aí fantasiamos, juntamos naquela euforia toda. No início você tem a sensação que tá sufocada. Você fica meio, né, assim, achando que as pessoas tão vendo que é você, né? Mas na verdade ninguém sabe que é você. Mas aí depois você vai, né, interagindo com o pessoal, né? Você não aguenta... É muito calor, então você tem que beber. Ou beber água, ou beber refrigerante, ou beber cerveja, pra aguentar, por que é a máscara, aquele tanto de roupa... Então, aí com isso eu acho que vai contribuindo, você vai se soltando. E aí assim, também a gente teve o propósito de não deixar ninguém saber que a gente tinha saído de mascarado. Então a gente saiu de casa com a máscara e voltou com a máscara. E aí brincamos com o pessoal, sabe? Ninguém reconheceu. Então a sensação é ótima. Você brinca muito, sabe? Você vira outra pessoa. Você faz tudo aquilo que você queria fazer e você não tem coragem assim sem máscara (risos). Muito bom. (Elena*, 30 anos)

Quando eu comecei? Ah, eu comecei com quatorze anos. Aí foi bom, né! Primeiro ano [...] festando, filho sem o pai... Foi tudo bom! (Murilo*, 19 anos)

Eu tinha dezessete anos, por aí. Era bom a liberdade. Era uma coisa... Era uma brincadeira inocente. Era uma brincadeira inocente e o sentido de liberdade, em termos de vida, tudo que a gente não fazia com a cara limpa a gente ia à forra fazendo com a máscara no rosto. (Joaquim*, 49 anos)



Ilustração 9: Mascarados desfilando no “Cavaldódromo”. Pirenópolis – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

Outro aspecto que os depoimentos suscitam é o sentido de liberdade que o mascarar-se proporciona. E esse me parece um segundo momento, quando já se detém o significado daquele acontecimento. Esse é o momento em que ser mascarado ganha sentido para o próprio indivíduo e o mascarar-se passa a ser uma ação motivada, que busca algo além do conhecer. Porém, essa liberdade não seria de uma única natureza, se desdobrando em duas principais finalidades. Em primeiro lugar, serviria para derrubar barreiras da interação. Em segundo, assume a função de transgredir regras, relacionadas ao cumprimento de papéis sociais e com a ocupação de posições dentro da sociedade. Quando perguntados a respeito do que estar mascarado proporciona, os entrevistados responderam:

É bom, cê se sente ótimo porquê, cê tá alí, cê vai beber, cê vai festar, vai se divertir. Agora... Melhor que essas outras festas. Pra mim é. (Valdo*, 16 anos)

É uma alegria, né! A gente chegar nas pessoas assim, “*barulhar as mulher*”! (Murilo*, 19 anos)

Uai, é melhor pra gente sair pra se divertir com as gatas, né! Na época, né... Então é muito importante pra nós mexer com as meninas, sem, elas saber. O importante era isso. (Raf*, 42 anos)

Eu me sinto muito bem, eu me sinto como... Me sinto como se tivesse livre. É muito bom mesmo, é uma sensação muito boa. Mas como eu disse: pra quem gosta. Pra quem não gosta, sair de mascarado é uma bobeira, é uma coisa que não leva ninguém a nada, mas pra mim é muito bom. Mesmo que eu gaste mais de mil reais só pra sair, arrumando cavalo, flor, máscara, roupa... É tudo assim. Você se prepara um ano para sair de mascarado, você fica se preparando um ano. Tem que ter seu cavalo, tem que cuidar dele, tem que cuidar das suas coisas, das suas roupas, de tudo. Tudo. Tem tudo pra você sair, não é uma coisa assim... Mas, pra quem gosta, né! Porque quem não gosta, só pra curtir mesmo, pega uma máscara velha e sai do jeito que fica, mas também é muito bom. Pra quem gosta é uma sensação muito boa, como se tivesse livre. É como... Muita gente sai de mascarado pra se libertar porque você não tem ninguém ali vendo, que é você, ninguém sabe que é você. (Cláudia*, 18 anos)

Pelo sentido da liberdade e por ser uma coisa de... Criada dentro da cidade, uma forma de, de todo mundo fazia. A elite ia, não tinha preconceito de raça, atrás da máscara não existia preconceito de raça, cor ou grau de escolaridade ou em questão de sociedade. Todo mundo era igual. (Joaquim*, 49 anos)

Porém, alguns depoimentos revelam que mesmo com a máscara às vezes fica difícil usufruir da liberdade. E é nesse sentido que pode ser compreendido o consumo bastante difundido de bebidas alcoólicas durante as festividades. Esse parece ser um artifício importante em dois momentos: para começar a interagir e também para manter o processo de interação.

É... era assim: [...] né, e começava a beber, todo mundo, né; tomando muito cedo. Gostava de sair sempre “no grau”, né, tomando umas. Aí a gente se reunia dez horas da manhã e ficava até a noite [...] aí saía junto, era uma festa, né! (Raí*, 42 anos)

É emoção demais, né! É emoção muito boa. Você bebe então pra ter mais coragem pra sair, de emoção [...]”.(Raí*, 42 anos)

No início você tem a sensação que tá sufocada. Você fica meio, né, assim, achando que as pessoas tão vendo que é você, né? Mas na verdade ninguém sabe que é você. Mas aí depois você vai, né, interagindo com o pessoal, né? Você não aguenta... É muito calor, então você tem que beber. Ou beber água, ou beber refrigerante, ou beber cerveja, pra aguentar, por que é a máscara, aquele tanto de roupa... Então, aí com isso eu acho que vai contribuindo, você vai se soltando. (Elena*, 30 anos)

Quando perguntados sobre o que é ser mascarado, muitas são as definições apresentadas pelos entrevistados. O primeiro aspecto que surge é realmente se tratar de uma experiência sensorial. Porém, o que se sente está relacionado a algo maior, algo que tem ligação com o universo simbólico que se compartilha. Por fim, ser mascarado é uma condição que permitiria suspender, pelo menos temporariamente, as obrigações impostas pelo costume arraigado, pela classe social ocupada, pela fachada sustentada, pelas dificuldades de ser membro da sociedade de que faz parte. Mascarar-se é também um ritual, que tem começo, meio e fim. Nesse sentido, ser mascarado permite uma renovação, uma espécie de renascimento dentro da própria vida. Assim, permite que após as festas tudo volte ao seu ritmo normal, e cada qual siga seu caminho.

O que é? Não sei te explicar não, é emoção boa. Na hora [...] é uma coisa de sentir, um sentimento”. (Murilo*, 19 anos)

Acho que é ser parte de Pirenópolis. Acho que é ser parte da tradição e é isso aí. Acho legal. (Valdo*, 16 anos)

É liberdade. Acho que é a palavra que define o mascarado. Liberdade, acho que não tem outra palavra pra definir o mascarado, não. É liberdade e alegria, tá! (Ivete*, 48 anos)

É pôr pra fora aquilo que você não tem coragem de fazer, né... Brincadeiras, ousar mais, beber um pouquinho a mais, né, sem a máscara. Acho que é você se revelar! (risos) (Elena*, 30 anos)

É obter de tudo, de um tudo, uma forma de brincadeira, uma apresentação teatral, não deixa de ser uma apresentação teatral e além da própria liberdade como eu já disse, uma festa que você não tem limite. Então você coloca toda a sua mágoa, toda... Aquilo tudo que tá te remoendo o ano todo, você joga tudo ali por dentro da máscara soltando, gritando, você grita no meio da rua, você rola no chão. Tudo aquilo que de roupa você, de roupa normal, cidadão normal, você não tem condições de fazer, com a máscara você tem. Você rola no chão, você grita, você brinca com gente que você não conhece, você brinca com gente que você conhece, você carrega. A gente volta na origem, cumprimentando o idoso, uma criança, pegando uma criança no colo, tudo isso envolve a vontade de ser mascarado. O verdadeiro mascarado é esse. É o sentido de ser mascarado. (Joaquim*, 49 anos)

Em sociedades onde existe o empenho em valorizar as tradições, a exemplo de Pirenópolis, a realização ritual de determinadas festividades funciona, na prática, como instância de socialização. Nessas oportunidades, o aparato simbólico compartilhado é enaltecido, quase como se fosse multiplicado e redistribuído, gerando a sensação de identificação do indivíduo com uma realidade. Por outro lado, esse processo legitima a ordem social, enquanto reforça a manutenção de determinadas práticas. Nesse sentido, a observação de festas tradicionais se apresenta como uma rica oportunidade de reflexões dentro das Ciências Sociais, pois, observando-as, tem-se exemplos vivos de como os indivíduos aprendem a viver dentro de sua sociedade.

Eu desde criança, desde quando eu tinha um mês de idade eu já ia para o Campo com a minha mãe. Então eu comecei a sair de mascarada com cinco anos de idade, eu já comecei a sair de mascarada. Aí com o tempo foi passando, eu com treze anos eu comecei a sair a cavalo. Cavalo à caráter, com máscara tradicional. Mascarado tradicional, máscara de boi, tudo. Aí a sensação de sair de mascarado é muito boa. Pra quem gosta é muito boa mesmo. Sente... Como se... Como se tivesse levando pra frente uma tradição. Como se fosse... Que nem meu pai saiu de mascarado, meus avós, meu pai, meus tios. Todo mundo saiu. Então quando eu saí foi muito bom pra eles, eles gostaram de me ver ali, de subir, ficar em pé no cavalo na hora do hino, tudo. Isso pra eles e pra mim foi muito gratificante. Ver que eles gostaram disso, ver a minha família... Porquê sair de mascarado na minha família já é uma tradição, todo mundo sai. Então é muito bom, muito gratificante. (Cláudia*, 18 anos)

A partir desses relatos, percebe-se o lugar que ser mascarado nas Cavalhadas de Pirenópolis ocupa na vida dessas pessoas. Longe de ser mero divertimento ou costume, essa manifestação faz parte do rol de vivências que constituem essas pessoas enquanto seres dentro

de sua sociedade. E por meio dessa manifestação elas compreendem seu lugar no mundo. É isso que entendo quando Geertz apresenta seu conceito de cultura como contexto (GEERTZ, 2011, p.10).



Ilustração 10: Pequeno mascarado no “Cavaliódromo”. Pirenópolis – GO, 2012. Foto: Taíse Salomão.

* Os nomes dos entrevistados foram trocados para assegurar seu anonimato.

CAPÍTULO 4

Resultados da pesquisa

Este capítulo foi dedicado à exposição, em primeiro lugar, dos dados relativos à aplicação de questionários na cidade de Pirenópolis, sendo tecidas algumas considerações sobre cada questão. Essas reflexões são importantes, pois fornecem explicações que embasarão a segunda parte do capítulo, em que serão reapresentados os objetivos da pesquisa e se discutirá a respeito de sua concretização.

4.1 Apresentação dos dados

Nessa cidade foram aplicados 108 questionários, de dois tipos, em momentos distintos. Um na semana anterior à realização das Cavalhadas de 2012 e outro durante o evento e em datas subsequentes. O primeiro, de caráter exploratório, aplicado a 30 pessoas, teve três finalidades principais: fornecer conhecimento a respeito de quais seriam as questões mais relevantes para quem vivia na cidade naquele momento; trazer à luz representações sobre os mascarados; e testar o próprio instrumento, o qual foi aprimorado e deu origem à segunda versão. Considerações sobre os dados obtidos com sua aplicação constam da primeira etapa da pesquisa empírica. Alcançadas suas finalidades, seus exemplares foram armazenados, de maneira que os dados apresentados a partir de agora referem-se apenas à aplicação do segundo questionário.

Esta segunda versão de questionário buscou verificar, entre outras coisas, as expectativas de diferentes faixas etárias em relação à vida em Pirenópolis e com isso permitir a realização de análises a respeito de possíveis processos de modernização em curso. Também buscou informações a respeito da vinculação dos moradores às Cavalhadas e de como a ideia do cadastramento dos mascarados estava sendo considerada por eles.

É importante ressaltar que a opção pela utilização desse instrumento se deu pelo interesse no aspecto significativo dos dados, isto é, a utilização desta técnica tentou trazer à tona as questões mais relevantes concernentes à vida das pessoas nessa localidade, vivendo esse contexto, nesse corte temporal.

Fizeram parte desta etapa da pesquisa 78 pessoas, sendo 36 homens e 42 mulheres. Os participantes tinham entre 13 e 82 anos e possuíam ocupações diversas. Desses, 45 nasceram

na cidade, enquanto 33 se dirigiram até lá após o nascimento. Porém, todos participaram da história recente da localidade, estando em condições de contribuir com informações a esta pesquisa.

O grau de instrução dos participantes foi bastante variado: 3 não tinham instrução, 20 possuíam o Ensino Fundamental, 32 possuíam o Ensino Médio e 23 o Ensino Superior, considerando-se para efeito dessa classificação o grau estar completo ou não. Essa variação no nível de ensino foi interessante para a pesquisa no sentido de permitir o acesso a visões de mundo variadas, baseadas em experiências e vinculações distintas.

A partir de agora serão citadas as questões na forma como se encontravam no questionário, e em seguida, apresentadas algumas considerações a respeito:

O que acha da vida em Pirenópolis?

Quando perguntados a esse respeito, os colaboradores consideraram a tranquilidade o principal atributo da cidade. Porém, foi ressaltada a falta de perspectiva para os jovens, que em grande medida não visualizam oportunidades de crescimento profissional na localidade, o que estaria contribuindo para um quadro de evasão. Esse fato corrobora com dados do IBGE, que mostram uma redução gradual da população pirenopolina ao longo dos últimos anos. Outro aspecto relevante nas respostas a essa pergunta foi a percepção dos moradores em relação ao aumento do custo e uma considerável queda na qualidade de vida na cidade.

Com base nesse contexto, houve o interesse em conhecer os principais problemas da “Pirenópolis de hoje”, a partir da visão de seus moradores. Saliente-se que durante o preenchimento dos questionários os colaboradores poderiam manifestar mais de uma opção, de forma que a relação abaixo retrata os problemas mais mencionados, em ordem decrescente.

Em sua opinião, quais são os principais problemas de Pirenópolis hoje?

1) Consumo de drogas: Dentre os problemas relacionados, o que mais preocupa os moradores é o aumento do consumo de drogas, sendo que o crack foi citado diversas vezes. Houve relato de mortes, violência e prostituição relacionados às drogas. Nesse sentido, existe a percepção de um bairro-problema: o Alto Bonfim. Segundo informado, os principais problemas relacionados a esse tema são atribuídos a essa localidade. É quase uma outra cidade dentro de Pirenópolis.

2) Falta de saneamento ou manutenção: Outro aspecto importante para os moradores é a falta de saneamento ou manutenção, que se materializa em uma cidade sem redes de esgoto,

com buracos nas ruas, sem lixeiras. Os dejetos produzidos, quando não vão para fossas residenciais, são lançados no rio que corta a cidade e geram mau cheiro. Esse rio já foi uma das atrações da cidade, mas hoje encontra-se degradado.

3) Falta ou funcionamento precário de equipamentos públicos: Mais uma questão muito relevante para os informantes é a falta ou o funcionamento precário de equipamentos públicos, como hospital, escola, faculdade, etc. Segundo informado, apesar de existirem, esses estabelecimentos não atendem às necessidades da população. Foram ouvidos relatos sobre um hospital sem recursos, escolas que preparam mal seus alunos e sobre a faculdade existente, reclamações sobre necessidade de outros cursos, já que os existentes são voltados apenas para profissionais que atuarão na área de turismo.

4) Insegurança, violência ou falta de crença na atuação da polícia: Outro problema percebido pelos moradores é a sensação de insegurança, a violência ou a falta de crença na atuação da polícia, por incompetência, omissão ou baixo efetivo. Não foram raros os relatos de uma polícia pouco efetiva. Os moradores sentem-se expostos. Diversos moradores que exercem atividades no comércio reclamam da ocorrência crescente de assaltos nos estabelecimentos.

5) Falta de empregos: Outro problema que preocupa os entrevistados é a falta de opções de empregos. Existe o desejo de opções além do turismo e comércio. E muitos dos jovens entrevistados, quando não se vinculam a essas atividades, acabam por trabalhar como ajudantes de pedreiro, por exemplo. É citado o anseio por opções como a instalação de indústrias.

6) Falta de fontes de entretenimento ou lazer: Mais uma questão relacionada foi a falta de fontes de entretenimento ou lazer, como praças, espaço para esportes, eventos, shows, redes de *fast food*, etc. Os relatos nesse sentido partiram principalmente de jovens, ou foram voltados para jovens. Há que se reconhecer que a cidade promove vários eventos como festivais de gastronomia, de música, shows, entre outros. Porém, na visão dos entrevistados muito do que ocorre é voltado aos turistas e não aos moradores.

7) Aumento populacional devido ao turismo: Mais uma questão que se mostrou relevante foi o aumento populacional devido ao turismo (relatos de cidade muito "misturada", inchada pelo turismo que Pirenópolis convidou). Esse aspecto merece atenção. Se por um lado o turismo é visto como algo que contribui para o aumento da renda na cidade, por outro ele atrai problemas. A cidade atrai personalidades, políticos, grupos alternativos, mas atrai

também criminalidade e pessoas que não compartilhariam dos valores locais, o que acaba por gerar outros problemas.

Um panorama elucidativo dessa questão foi apresentado por Alves, que reproduziu em seu trabalho a fala de um conhecido morador sobre o turismo desejado pela cidade: “*Seja bem vindo, mas limpe os pés*”. Essa fala representaria o complexo processo de atração e repulsão do turismo na cidade, a partir da instauração do turismo de massa ocorrido no passado, através de medidas de promoção ocorridas nas décadas de 60 e 70 por diferentes atores, o que teria gerado uma reação pela preservação da identidade cultural e promoção do turismo ecológico e cultural na localidade (ALVES, 2004, p.46).

Foi relatado ainda que, nos “dias normais” (fora das épocas de festa) existem “duas Pirenópolis” quanto ao tempo: uma de segunda a quinta-feira, tranquila, e outra de sexta-feira a domingo, movimentada e barulhenta. E isso se deveria em grande medida aos visitantes, que costumeiramente se dirigem à cidade nos finais de semana.

Participa de alguma maneira das Cavalhadas?

Essa questão ensejava saber qual o atrelamento dos moradores à realização das Cavalhadas, já que esse evento é apresentado como parte da identidade local e ocasião de integração para os integrantes dessa localidade. Nesse sentido, 66 pessoas afirmaram participar, de diversas maneiras, enquanto apenas 12 disseram que não. Esse valor é bastante significativo, pois confirma o conhecimento corrente de que esse evento ritual é apreciado e mobiliza um grande contingente de pessoas todos os anos em sua concretização.

Já ouviu falar alguma coisa sobre o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas?

Esta foi uma questão de grande interesse, já que poderia atestar até que ponto a temática do cadastramento teria importância na época da pesquisa em Pirenópolis. De todos os participantes dessa parte da pesquisa, apenas 2 não tinham conhecimento do assunto. E isso confirma que o tema realmente foi alvo de discussões na cidade, sendo uma matéria de interesse e envolvimento da população nos últimos meses. Esse fato confirmou a relevância do estudo da natureza do conflito relacionado ao cadastramento em questão.

Acha que o cadastramento dos mascarados é importante?

A resposta a essa questão revelou o quanto o assunto é controverso e passível de análise. Isso é dito, pois os percentuais de aprovação e reprovação da medida foram bastante

próximos, o que quer dizer que a comunidade está dividida quanto a necessidade do cadastramento: 48 consideravam importante, 46 não consideravam, 6 consideraram parcialmente importante e 2 não souberam responder. Entre os motivos relacionados por quem considerou o cadastramento importante, figuram a preocupação com a segurança da população e o entendimento de que dar certo limite aos mascarados seria necessário. Já os argumentos contra o cadastramento girariam em torno de que essa medida afetaria a tradição e seria incompatível com a principal característica desse personagem, o anonimato.

O que significam as Cavalhadas para você?

Desejando um conhecimento mais aprofundado sobre o peso simbólico que a realização das Cavalhadas teria para a população de Pirenópolis, perguntou-se o que esse evento representava para eles. Essa era uma questão com resposta aberta, de forma que os informantes puderam se manifestar livremente, inclusive com mais de uma resposta. Após o levantamento dos dados, a palavra mais citada foi tradição. E esse é um dado importante, pois sinaliza a maneira com que membros de uma sociedade lidam com a memória e qual a importância que dão à manutenção de rituais.

Acha que as Cavalhadas são importantes para Pirenópolis?

A essa pergunta todos os colaboradores responderam que sim, e apresentaram justificativa. Os dados confirmaram a centralidade que esse evento, inserido nas festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo, tem para a localidade. De todas as razões apresentadas, a que mais se destacou foi o turismo, com 43 citações. Não é por acaso que a área turística é tida como uma das principais vocações econômicas da cidade atualmente.

Se acompanha as Cavalhadas a muitos anos, acha que elas hoje significam para os moradores a mesma coisa que no passado?

Essa questão teve importância central neste trabalho, já que uma das hipóteses que o orientaram foi considerar as Cavalhadas como um evento emblemático, inserido num contexto em transformação. De todos os participantes desta etapa da pesquisa, 33 consideraram que o sentido de participar das Cavalhadas permanece o mesmo, e outros 6 não souberam responder. Porém, 40 pessoas consideraram que o significado de participar seria outro.

Interessante é que foi possível observar algumas regularidades nos dois principais eixos de resposta – *o significado ser o mesmo ou não ser*. Para aqueles que consideraram que hoje o sentido de participar *é o mesmo*, as justificativas giraram em torno de que permanece a tradição, o entretenimento e a oportunidade de encontro e manutenção de redes de sociabilidade. Ressalte-se que as pessoas mais idosas participantes da pesquisa (todas ocupantes da faixa de 70 ou 80 anos) assumiram essa posição, enquanto apenas 3 pessoas com menos de 30 anos a escolheram.

Já aqueles que consideraram a participação nas Cavalhadas com significado *diferente* do passado, representam a maior parcela de participantes com idade menor que 30 anos. Isto é, os colaboradores mais jovens da pesquisa consideraram uma mudança de significado no evento. Mesmo se considerarmos que esses indivíduos mais jovens não tiveram a vivência da festa de muitas décadas atrás, eles atribuem um sentido diferente a suas participações hoje, principalmente quando se baseiam em relatos de pessoas mais velhas a respeito de como se desenrolavam as festividades no passado.

O mais interessante foi que as justificativas para essa mudança de sentido (mesmo a provenientes de outras faixas etárias) apontam para uma modificação nos costumes, uma mudança de comportamento social. Isso é afirmado pois os motivos para considerar uma mudança de significado em relação a participar das Cavalhadas giraram em torno de que *antes* o evento seria mais estimado pela população local, com maior importância religiosa, e sendo maior o prazer em fazer parte de um corpo simbólico.

Em oposição a isso, a festa *hoje* seria caracterizada por ter um volume muito grande de pessoas, incluindo os turistas, e teria um caráter muito maior de entretenimento e comércio. Os jovens estariam gradativamente deixando de ir assistir ao evento, e quando chegam a ir, não costumam permanecer. O Cavalcódromo não representaria um ponto de chegada, mas um ponto de partida em busca do que mais interessaria aos jovens hoje durante as festividades: os ranchos, que são festas com música eletrônica, regadas a bebidas alcoólicas e muito apreciadas por esse público atualmente.

E isso é sustentado partindo do conteúdo de alguns relatos, ouvidos ao longo da pesquisa, a respeito de que “*pro jovem a Cavalhada é o rancho!*”. Considerando as respostas de diferentes faixas etárias, é possível dizer que para a maioria dos informantes o sentido de participar das Cavalhadas seria diferente hoje, pois prevalece o alto consumo de bebidas, a desordem e a “badalação”. E isso traz à tona as discussões a respeito da sobrevivência desse evento ritual e da rede de significados formada em torno dele.

Expostos esses dados, parte-se agora para a discussão a respeito do atendimento dos objetivos da pesquisa.

4.2 Objetivos da pesquisa

Essa pesquisa tinha como objetivo geral “compreender a natureza do conflito suscitado a partir da edição de norma que determinou o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis/GO”. Quanto a isso, pode-se expor o seguinte:

Quando nos referimos a conflito, nesse contexto, estamos tratando de choques de perspectivas que resultaram no não cumprimento da norma que determinou o cadastramento dos mascarados. Mas o que poderia causar esses choques? Quais fatores poderiam gerar oposição à norma em questão?

A partir dos dados obtidos na pesquisa e com base no caráter assumido pela norma apresentada, chegou-se à conclusão de que a compreensão do conflito passa por três vertentes:

1) Configuração de uma estrutura social que favorece a existência de sistemas de regulação autônomos, em que muitas vezes a influência da Igreja e de famílias tradicionais se choca com determinações do Estado, principalmente quando o que está em jogo é ser portador da “identidade local”;

2) Policialização do conflito, em que a criminalização da figura do mascarado, tido como símbolo da cultura pirenopolina, suscitou rejeição à norma. Isso teria sido agravado ainda mais pela falta de crença na atuação da polícia local;

3) Influência de agentes exógenos (ONGs) inseridos na comunidade e com alto poder de vocalização. Isso teria se refletido na amplificação das dimensões do conflito e na promoção de manifestações na localidade.

Acredita-se que o conflito, na forma que se apresentou, se deu pela soma desses três fatores. Porém, cabe ressaltar ainda um aspecto muito relevante para a instauração dos embates: o fato de o palco dessas lutas ser uma cidade sobre a qual recai o tombamento. Nesse sentido, ser um patrimônio cultural instaurado enquanto espaço (quando focalizamos o Centro Histórico da cidade) e enquanto manifestação (quando tratamos da Festa do Divino, com suas Cavalhadas e seus mascarados) torna as relações com a mudança ainda mais

díficeis, pelo caráter de “congelamento” que as medidas de patrimonialização assumem. Isto é dito, pois a definição de um patrimônio tem o efeito simbólico de cristalizar uma realidade social que na verdade é dinâmica.

Quanto ao atendimento dos objetivos específicos da pesquisa, pode-se dizer o seguinte:

1) O primeiro se tratava de verificar se havia dados estatísticos que embasassem a adoção da norma que determinava o cadastramento, já que o discurso oficial em favor dele seria justificado por um incremento no número de delitos cometidos durante as festividades por indivíduos usando máscaras. Esse objetivo não pode ser concretizado, já que, apesar de seguidas solicitações junto à autoridade policial local, o acesso a esses dados não foi permitido.

2) O segundo objetivo se referia à realização de um diagnóstico do posicionamento de moradores de diferentes faixas etárias a respeito da norma em questão. Nesse sentido, o que se conseguiu foi verificar perfis diferentes em relação a como a norma era considerada.

Jovens do sexo masculino, os quais em grande medida participam das Cavalhadas como mascarados, assim como adultos que já participaram, predominantemente consideraram o cadastramento desnecessário, ou mesmo degradante, fato que pode ser compreendido por essa norma impactar diretamente sobre o que se construiu coletivamente como atributos dessa personagem.

Já jovens do sexo feminino, tenderam a considerar a norma importante, principalmente por razões de segurança. Esse posicionamento talvez esteja relacionado ao fato dessas jovens serem foco de atenção e investidas de mascarados durante as festividades, o que poderia causar-lhes algum tipo de incômodo. Outra questão que considero relevante é o efeito simbólico que o assassinato uma mulher, durante edição anterior das festividades, teve na cidade, tendo sido atribuído a alguém usando máscara. Apesar de ter muitos enredos, esse foi, sem dúvida, o fato mais relatado pelas jovens quando justificavam a necessidade do cadastramento.

Os demais estratos da população se mostraram bastante divididos em relação à norma, pois, apesar de identificarem a importância de algum tipo de regulação à atuação dos mascarados, por já terem presenciado algum incidente envolvendo os mesmos, acreditavam que as mudanças propostas pela norma prejudicariam a tradição da festa, que deveria ser preservada.

3) O terceiro se propunha a identificar, a partir dos moradores, os principais problemas da “Pirenópolis de hoje” e compreender a que eles os atribuem. Expostos na seção anterior, como “Apresentação dos dados”, os principais problemas da cidade estariam relacionados, de maneira paradoxal, ao que se apresenta hoje como a principal vocação econômica da localidade: o turismo. Se por um lado ele promove a valorização do caráter tradicional da cidade e isso gera recursos, por outro, as consequências de sua priorização alteram atributos relacionados à qualidade de vida dos moradores, e ao mesmo tempo faz com que algumas melhorias nas condições de vida almejadas pela população, a exemplo das áreas de educação, saúde e saneamento, deixem de ser priorizadas, e mesmo o patrimônio cultural da cidade fica comprometido.

4) O quarto e último objetivo a ser alcançado era tentar captar a noção dos habitantes a respeito de mudanças no significado das Cavalhadas. Quanto a isso, o questionário apresentado na seção anterior forneceu dados muito significativos, mostrando que esse acontecimento, incluído nas comemorações em homenagem ao Divino Espírito Santo, continua ocupando uma posição de destaque como evento integrador nessa localidade. Porém, esses dados mostraram também que vem ocorrendo uma mudança no sentido que participar das Cavalhadas tem para diferentes faixas etárias. Enquanto a população mais idosa, de maneira geral, permanece assistindo aos rituais como forma de fruição e manutenção de antigas redes de sociabilidade, o público mais jovem que se dirige ao local dessa festividade em grande medida o faz com o intuito de vivenciar outra experiência: a participação nos ranchos. Assim, foi possível perceber mudanças no sentido que diferentes gerações têm atribuído a sua participação nesse evento ritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando, no início deste trabalho, me interessei em estudar comparativamente as cidades de Pirenópolis e Jaraguá, o fiz com o intuito de tentar perceber algum aspecto que explicasse a diferença na maneira de agenciar o cadastramento dos mascarados nas duas localidades. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, acredito ter conseguido acessar algo que foi além disso. Em minha opinião, as duas cidades têm formas diferentes de lidar com a memória. Jaraguá, apesar de ter contexto de origem semelhante ao de Pirenópolis, lida com a reprodução de sua cultura de forma mais leve, participativa, mais aberta a transformações. Mas nem por isso menos comprometida com seu passado.

Por não ter sobre si o peso do tombamento, o qual é sentido em Pirenópolis, acredito que essa comunidade se sinta mais livre para, redistribuindo poderes para seus integrantes, se adaptar à época e negociar as mudanças em sua cultura, como no sucesso do cadastramento de seus mascarados, que aumentam a cada ano. E, além disso, também se mostra disposta a acertar as contas com sua própria história, a exemplo do que ocorreu no ano de 2010, quando foi realizado o *I Simpósio da História da Fundação de Jaraguá*, quando foram empreendidos diversos debates contando com a participação de pesquisadores e comunidade visando chegar a um consenso a respeito de quem teria iniciado a exploração do ouro da região, se um famoso mineiro ou negros faiscaidores. Contrariando a tradição oral e seguindo a documentação histórica escrita, a proposição oficialmente aceita em 2011 foi de que negros faiscaidores, em 1736, descobriram ouro no córrego de Jaraguá (PEDROSO, 2008, p.166).

Outro exemplo é o sucesso na implementação do Viva e Reviva - Jaraguá, projeto da Secretaria de Estado de Educação de Goiás que visa, através de pesquisas e atividades implementadas pelas escolas locais em vários municípios (incluindo Pirenópolis), dar aos estudantes das comunidades, a quem fatalmente caberá a reprodução da cultura local, oportunidade de conhecer a história e se engajar como agentes de sua perpetuação. Os resultados disso puderam ser vistos no peculiar desfile da Entrada da Rainha, que em 2012 ocorreu ao final do primeiro dia das Cavalhadas e percorreu as principais ruas da cidade de Jaraguá, tendo como expectadores muitos visitantes e os moradores, pra quem bastava estar na porta de casa pra assistir.

Na ocasião, alunos do município apresentaram em sucessivas alas diversos aspectos da história e cultura de Jaraguá e isso sem se concentrar apenas no passado. Pois além de alas em homenagem a entidades e irmandades religiosas; fatos, personagens e até locais históricos,

também participavam do cortejo o Imperador do Divino e sua família, Cavaleiros das Cavalhadas, muitos mascarados e uma quantidade enorme de pessoas de todas as idades, montadas em bois e cavalos, seguidos, para minha surpresa, das já tradicionais “carroças de som” – puxadas por animais e recheadas de auto-falantes tocando música eletrônica muito apreciada pela juventude local. Nesse desfile o passado é rememorado e o presente é assumido e se tem a sensação de que há lugar para todos como protagonistas da cultura local.

A esse respeito, Veloso destaca que quando tratamos de patrimônio cultural, material ou imaterial, estamos falando também de valores e interesses coletivos que, por sua própria natureza, não são fixos nem imutáveis. Além disso, é importante destacar a inseparável relação existente entre patrimônio cultural e vivência coletiva, em que os saberes e fazeres tradicionais são compartilhados, fazendo parte do repertório cultural de um determinado grupo. Nesse sentido, é essencial vincular o pulsar do patrimônio cultural à dinâmica do que é vivido coletivamente por uma comunidade (VELOSO, 2006, p.440).

Quando focalizo a cidade de Pirenópolis, considerando principalmente a Festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas, entendo a gestão de sua cultura de forma mais centralizada e ainda muito atrelada às famílias tradicionais, tidas como as portadoras do verdadeiro sentido dessa cultura. E não apresento esse aspecto especificamente como uma crítica, mas como o resultado de um contexto mais amplo, em que disputas por poder e deferência, aliadas a algo como um isolamento simbólico dentro de uma comunidade, criaram oportunidade para que discursos em torno da preservação de uma identidade mascarassem o receio por uma mudança de estrutura.

Se pensarmos no conflito suscitado a partir da norma que determinou o cadastramento dos mascarados nessa localidade, veremos que se trata de apenas mais um conflito dentro da história da cidade, o qual, porém, reflete de maneira incontestável a ocorrência de mudanças na sociedade pirenopolina, que não tem como permanecer a mesma. Vemos surgir novos atores nesse palco de lutas. Novos problemas se impõem. E novas estratégias de defesa se apresentam de forma surpreendente, como exemplos de reiterada resistência às transformações.

Pirenópolis, que ergue alto o estandarte da preservação do patrimônio e da valorização das tradições, tem no turismo uma de suas principais vocações econômicas, atraindo enormes quantidades de visitantes anualmente. E isso, aliado ao fato de seu Centro Histórico e sua Festa do Divino serem tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, faz com que a cidade possua ainda mais destaque nacional e até internacional, e seja motivo

de orgulho para seus habitantes. Seus mascarados são um ícone e suas Cavalhadas um evento muito aguardado. Porém, nem tudo são flores de papel nesse jardim de memória. Com o turismo veio a diversificação da população, seguida de problemas como aumento de criminalidade e consumo de drogas pesadas. Assim, um local que sustenta em suas fachadas a lembrança do passado vive problemas do presente.

Dessa forma, na cidade de Pirenópolis a grande temática atual é a relação entre patrimônio e turismo. Se por um lado a preservação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, reflete a valorização da cultura de uma comunidade, gerando com isso o orgulho em fazer parte de uma cidade histórica, por outro, a dificuldade de gestão desses bens culturais ante os efeitos do turismo, atraído pelo próprio patrimônio, acaba por deixar os moradores dessas localidades num impasse. Seria o turismo, na forma como se apresenta, um mal necessário à sobrevivência material dessas cidades? As consequências desse turismo poderiam ser administradas de maneira a corroborar com as expectativas de vida das populações locais? O que verdadeiramente está em jogo quando a relação entre patrimônio e turismo se coloca como um problema? É fundamental refletir sobre essas questões.

Nesse contexto, a questão do cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas de Pirenópolis assumiu um caráter que foi muito além da mera adesão a uma norma, se apresentando como um conflito em torno de identidade, poder e tradição. Nele, pessoas ocupantes de posições diferentes dentro dessa sociedade se manifestaram de forma diversa. Enquanto discursos totalizantes, no sentido de que *ninguém* queria o cadastramento, partiram geralmente de pessoas vinculadas a atividades que se beneficiavam do turismo ou pertencentes a famílias tradicionais, às vezes as duas coisas, muitas vezes o apresentando como uma “*quebra de cultura*” ou algo desnecessário, pois “*nunca existiu antes*”, “*nunca precisou*”; pessoas comuns, que não gozavam de grande prestígio social ou possuíam empreendimentos, consideravam o cadastramento importante, principalmente por questão de segurança para a população. E isso permite pensar na existência de expectativas distintas para os atores nesse universo.

Nesse sentido, defende Max Weber que a posição adotada por alguém deriva do significado de sua visão básica do mundo. Assim, uma tomada de posição pode derivar de uma visão única do mundo ou de várias, diferentes entre si, cabendo ao cientista o esforço de esclarecer que determinada posição deriva de uma e não de outra concepção (WEBER, 2000, p. 46). Paralelamente, Habermas salienta que a inserção de processos cognitivos em complexos vitais chama a nossa atenção para a função de interesses capazes de orientar o

conhecimento: um complexo vital se apresenta como um conjunto de interesses. Mas assim como o nível, ao qual a vida social se reproduz, tal feixe de interesses não pode ser definido independentemente destas formas de ações e das categorias correspondentes do saber (HABERMAS, 1987, p. 232). O que esse dois autores afirmam, em última instância, é que valores e interesses precisam ser analisados em conjunto quando focalizamos as ações humanas.

Quando fazemos referência a um contexto povoado por atores com expectativas distintas, cabe lembrar a contribuição de Veloso no sentido de que o patrimônio cultural põe em circulação bens culturais de imenso valor no mercado de bens simbólicos. Dessa forma, a produção, a valorização e a apropriação desses bens se concretiza num campo de lutas simbólicas, presente no interior de toda sociedade ou mesmo do grupo social que se focaliza (VELOSO, 2006, p.440). Assim, fica claro que a existência de conflitos como os ocorridos no cadastramento dos mascarados tem por germe algo muito mais profundo, e que muitas vezes não é assumido nos discursos que emergem.

Mostra-se imperativa a necessidade de se promover a reflexão nos contextos de patrimonialização, para que se tenha mais clareza a respeito do papel que a preservação dos sítios históricos e das manifestações de cultura popular tem para quem as vivencia. A esse respeito, Veloso sinaliza a expectativa segundo a qual os próprios produtores culturais ou os nativos de cidades históricas possam construir suas narrativas a respeito dos bens patrimoniais e das manifestações culturais singulares presentes em seu cotidiano (VELOSO, 2006, p.441).

Situações de conflito, como as observadas no contexto da tentativa de implementação do cadastramento dos mascarados em Pirenópolis, trazem à luz questões que remetem à resistência às mudanças. E, nesse processo, tentativas de congelamento da realidade são implementadas como medidas de proteção do que é sustentado como a identidade cultural de uma localidade. Nesse sentido, os movimentos de tombamento, oficiais ou não, compreendidos aqui como ações que visam cristalizar realidades sociais que na verdade são dinâmicas, trazem à baila o que Paulo Peixoto apresenta sobre a patrimonialização.

Esse autor cita que a noção de patrimônio remete à ideia de bens comuns que, perdendo suas funcionalidades, deixaram de se integrar às práticas econômicas e sociais cotidianas. Assim, essa noção evocaria a necessidade de inscrever na memória coletiva algo que corre o risco de se perder. Nesse sentido, a “descoberta” de um patrimônio funciona como o anúncio da morte de uma identidade. Ele afirma ainda que querer manter vivas nas práticas cotidianas características e funções identitárias que já deixaram de ser social e

economicamente úteis é tentar combater a assimilação coletiva da mudança inerente aos processos de transformação da identidade (PEIXOTO, 2004, p. 202).

O que esse autor apresenta, quando sinaliza que cristaliza-se o que está deixando de existir, como tentativa de encarar a passagem para uma outra realidade, me levou a uma reflexão a respeito do que se apresenta como estrutura social em Pirenópolis hoje. Nesse aspecto, se as antigas famílias, portadoras da noção de cultura e identidade local, tem sua história, seu *eu* representado na forma tradicional de condução da vida social, mudanças nessa forma de vida significariam mudar o status de importância desse *eu*. E talvez a isso possamos atribuir a dificuldade existente em aceitar as mudanças impostas pela passagem do tempo e que se refletem na configuração que a cidade vem adquirindo.

Se pensarmos sobre a manutenção de uma imagem, cabe lembrar a contribuição de Goffman no sentido de que estudar o salvamento da fachada é estudar as regras de tráfego da interação social. Sobre isso, ele afirma que aprendemos sobre o código que a pessoa segue em seu movimento pelos caminhos e projetos dos outros, mas não sobre para onde ela vai, nem por que ela quer chegar lá. Cita ainda que muitas vezes não compreendemos por que a pessoa está disposta a seguir o código, pois um grande número de motivos diferentes pode levá-la a fazer isso. Assim, ela pode querer salvar sua própria fachada por causa de sua ligação emocional com a imagem do eu que sua fachada expressa, por causa de seu orgulho ou honra, por causa do poder que seu estatuto presumido permite que ela exerça sobre os outros participantes, e assim por diante (GOFFMAN, 2011, p. 20).

Nesse contexto, quando focalizamos a problemática do cadastramento em Pirenópolis, é possível verificar que na condução da vida social ainda existe muito peso a oposição entre o *nós* - os “filhos da terra”, os “que amam a terra”, ou os que vindo de outros locais, adotaram-na, respeitando seus valores, e *eles* – que são todos que, de alguma maneira, põem em risco ou se utilizam do que se construiu como identidade local: os “maus turistas”, os criminosos que se infiltram entre os mascarados para cometer crimes, as organizações não-governamentais que atuam pelos próprios interesses.

O que está em jogo e que ficou claro com a questão desse cadastramento é a quem se atribui o poder de gerir a cultura local. E isso se complexifica ainda mais com o efeito de congelamento que o tombamento assume, pois em nome da preservação da cultura e do modo de viver tradicional, que seria parte da identidade pirenopolina, adotam-se medidas que visam cristalizar uma realidade que é dinâmica. E isso se tornou ainda mais claro ao longo da pesquisa quando da publicação da Lei Municipal nº 720, datada de 18/12/2012, que “dispõe

sobre as definições das características dos tradicionais “mascarados” da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis e dá outras providências”.

Essa lei libera o mascarado de qualquer tipo de cadastramento e lhe outorga liberdade de atuação e circulação durante as festividades. Porém, assevera que ao mascarado que se exceder em sua atuação nos festejos serão aplicadas as normas do Código Penal Brasileiro. Também define os tipos de máscaras que poderão ser usadas, excluindo as de borracha. Enfim, essa norma tenta suspender o que teria gerado o conflito, mas o faz por meio de nova medida de congelamento, definindo, como um corte no tempo, o mascarado que se quer.

Assim, a partir das reflexões proporcionadas pela pesquisa, creio que o cadastramento dos mascarados, mesmo se operado de outra maneira, causaria algum tipo de embate dentro da sociedade pirenopolina, por estar relacionado a uma manifestação que traz à tona uma série de sentimentos e valores propagados para seus membros desde a infância. Porém, acredito que ele não teria alcançado as proporções que assumiu em Pirenópolis sem a participação de determinados atores no sentido de promover manifestações ao invés de reflexões. É necessário considerar a passagem do tempo e a dinâmica das sociedades, de forma a compreender que assim como surgem novos atores, os quais podem não compartilhar os mesmos valores de uma comunidade, surgem também novas motivações para atores provenientes de um mesmo meio. E mesmo que se tente, medidas de congelamento não impedirão esse movimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Cláudia Lima e. **Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na Festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BOBBIO, Norberto; MATTECUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 13. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis: Um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974.

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Vieira, 2003.

CARVALHO, Adelmo de (org.). **Pirenópolis: Coletânea 1727 – 2000: história, turismo e curiosidades**. Pirenópolis: Kelps, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. ver. atual. e ilustr. São Paulo: Global, 2000.

DEUS, Maria do Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. **História das festas e religiosidades em Goiás**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

DUARTE, Lyz Elizabeth Amorim Melo. **Identidade e tradição em Jaraguá: permanências e mudanças** in: FREITAS, Lúcia Gonçalves de (org). *Cenários da memória e identidade goiana: o caso de Jaraguá*. Goiânia: AGEPEL, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FREITAG, Barbara; ROUANET, Sérgio Paulo (Orgs.). **Habermas: sociologia**. Tradução de Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Introdução e tradução de José N. Heck; Revisão de Gustavo Bayer. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

JAYME, Jarbas. **Esboço histórico de Pirenópolis**. Pirenópolis, 1971. V. 1.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Alfa-omega, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2011.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. 7. ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás/Vieira, 2008.

PALAVECINO, Enrique. **La máscara y la cultura**. Buenos Aires: Ediciones de la Municipalidad, 1954.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **História e memória: debate sobre a construção histórica da origem e fundação de Jaraguá – GO**. Revista HABITUS, Goiânia: v.6, n.1/2, p. 153-170, jan./dez. 2008. Disponível em < <http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/2000/1257> >, Acessado em 31/1/2013.

PEIRANO, Mariza (Org.). **O dito e o feito: Ensaios de Antropologia dos Rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PEIXOTO, Paulo. **A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra: n. 70, p. 183-204, dez. 2004. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10316/10900>>, Acessado em 31/1/2013.

PEREIRA, Niomar de Souza; JARDIM, Mára Públio de Souza Veiga. **Uma festa religiosa brasileira: festa do Divino em Goiás e Pirenópolis**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1898)**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2000.

SPINELLI, Céline. **Cavalcadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de Goiás**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro: v. 30(2), p. 59-73, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200004>, Acessado em 31/1/2013.

TAMASO, Isabela. **Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

VELOSO, Mariza. **O fetiche do patrimônio**. Revista HABITUS, Goiânia: v.4, n.1, p. 437-454, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/363/301>>, Acessado em 31/1/2013.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn – Brasília: Editora Universidade de Brasília: 1999. Vol. 2.

ANEXOS

Anexo A – Primeira versão de questionário aplicado em Pirenópolis/GO

Anexo B – Questionário aplicado em Jaraguá/GO

Anexo C – Segunda versão de questionário aplicado em Pirenópolis/GO

Anexo D - Lei Municipal nº 720/2012

Anexo E – Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO

ANEXO A - Primeira versão de questionário aplicado em Pirenópolis/GO

QUESTIONÁRIO 1 .“Perfil , filiações e expectativas”	Data do preenchimento: / /	Formulário nº
---	----------------------------	---------------

1) Idade: _____

2) Sexo: F () M ()

3) Você é:

() morador. Vive aqui a quanto tempo? _____ Mora em qual bairro? _____

() turista. Vem de onde? _____

() outro.

4) Trabalha? SIM () NÃO (). O quê faz? _____

5) Estuda atualmente? SIM () NÃO (). Se sim, que série? _____. Se não, estudou até que série? _____

6) O que acha da vida em Pirenópolis?

7) Gostaria que alguma coisa fosse diferente? SIM () NÃO (). Se sim, o quê?

8) Em sua opinião, quais são os problemas de Pirenópolis hoje?

9) Faz parte de alguma associação ou grupo na cidade? SIM () NÃO (). Se sim, de qual/quais?

10) Participa de alguma maneira da Festa do Divino Espírito Santo? SIM () NÃO (). Se sim, de qual? _____

11) Participa de alguma maneira das Cavalhadas? SIM () NÃO (). Se sim, de qual? _____

12) Já ouviu falar alguma coisa sobre o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas? SIM () NÃO ().

13) O que acha do cadastramento?

14) Qual a sua opinião sobre os mascarados?

15) Eu gostaria de entrevistar o(a) senhor(a) em outro momento. O(a) sr.(a) aceita? SIM() NÃO().

Nome: _____ Telefone: _____

Endereço: _____

ANEXO B - Questionário aplicado em Jaraguá/GO

QUESTIONÁRIO 3 .“Perfil e vivências ”. Jaraguá/GO	Data do preenchimento: / /	Formulário nº
---	----------------------------	------------------

1) Idade: _____

2) Sexo: F () M ()

3) Vive aqui a quanto tempo? _____

4) Trabalha? SIM () NÃO (). O quê faz? _____

5) Estudou até que série? _____

6) O que acha da vida em Jaraguá?

7) Gostaria que alguma coisa fosse diferente?

8) Participa de alguma maneira das Cavalhadas? SIM () NÃO (). Se sim, de qual? _____

9) Já ouviu falar alguma coisa sobre o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas? SIM () NÃO ().

10) Acha que o cadastramento dos mascarados é importante? SIM () NÃO (). Para quê?

11) O que significam as Cavalhadas para você?

12) Acha que as Cavalhadas são importantes para Jaraguá? SIM () NÃO (). Para quê?

ANEXO C - Segunda versão de questionário aplicado em Pirenópolis/GO

QUESTIONÁRIO 2 .“Perfil , vivências e expectativas”	Data do preenchimento: / /	Formulário n°
---	----------------------------	---------------

1) Idade: _____ **2)** Sexo: F () M ()

3) Se você é morador: a) Vive aqui a quanto tempo? _____

b) Mora em qual bairro? _____

4) Trabalha? SIM () NÃO (). O quê faz? _____

5) Estudou até que série? _____

6) O que acha da vida em Pirenópolis?

7) Em sua opinião, quais são os principais problemas de Pirenópolis hoje?

() Consumo de drogas

() Insegurança, violência ou falta de crença na atuação da polícia (por incompetência, omissão ou baixo efetivo)

() Falta ou funcionamento precário de equipamentos públicos (hospital, escola, faculdade, etc)

() Falta de saneamento ou manutenção (esgoto, buracos nas ruas, etc)

() Falta de fontes de entretenimento ou lazer (praças, espaço para esportes, eventos, shows, fast food, etc)

() Falta de empregos (opções além do turismo e comércio, instalação de indústrias, etc)

() Aumento populacional devido ao turismo

8) Participa de alguma maneira das Cavalhadas? SIM () NÃO (). Se sim, de qual? _____

9) Já ouviu falar alguma coisa sobre o cadastramento dos mascarados nas Cavalhadas? SIM () NÃO ()

10) Acha que o cadastramento dos mascarados é importante? SIM () NÃO (). Por quê?

11) O que significam as Cavalhadas para você?

12) Acha que as Cavalhadas são importantes para Pirenópolis? SIM () NÃO (). Para quê?

13) Se acompanha as Cavalhadas a muitos anos, acha que elas hoje significam para os moradores a mesma coisa que no passado? SIM () NÃO (). Por quê?

14) Eu gostaria de entrevistar o(a) senhor(a) em outro momento. O (a) sr. (a) aceita? SIM () NÃO ()

Nome: _____ Telefone: _____

ANEXO D - Lei Municipal nº 720/2012

LEI Nº 720/12.

DE 18 DE 12 DE 2012.

“DISPÕE SOBRE AS DEFINIÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DOS TRADICIONAIS “MASCARADOS” DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRENÓPOLIS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.”

A CÂMARA MUNICIPAL DE PIRENÓPOLIS, ESTADO DE GOIÁS, aprovou e eu, PREFEITO MUNICIPAL, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Ficam adotadas as características do “**MASCARADO DE PIRENÓPOLIS**”, objetivando a preservação de suas tradições, como personagem de clara importância dentro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, a saber:

I - Não há requisitos para sair de mascarado, a não ser o uso de máscaras e a vontade de brincar;

II - As máscaras deverão ser de papel ou papelão e as de pano;

III - Conforme a tradição são onças, bois e outros personagens, o improvisado ainda é o ponto alto de sua caracterização; aos mascarados é proibido trajar com vestimentas indevidas, tais como: fraldão ou peças íntimas a vista;

IV - Por decisão própria, o anonimato de cada mascarado é uma de suas premissas fundamentais, não sendo reconhecido nem pelos mais próximos. A sua maior alegria é circular pelas ruas, aproveitando-se largamente das prerrogativas desse anonimato;

V - Os Mascarados de Pirenópolis não serão numerados nem obrigados a qualquer tipo de identificação, salvo se em ato delituoso contra terceiros;

VI - Mascarado é uma atividade coletiva ou individual, com cada um inventando a sua própria roupa para si ou para todo um grupo;

VII - Os Mascarados poderão se deslocar pelas ruas de Pirenópolis durante o período dos festejos do Divino Espírito Santo, iniciando-se no sábado do Divino até terça-feira de Cavalhada e também no dia de Corpus Christi;

VIII – Os Mascarados poderão circular livremente por toda a cidade, resguardando o seu anonimato.

Art. 2º – Ao mascarado que exceder sua participação nos festejos, serão aplicadas normas do Código Penal Brasileiro.

Art. 3º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PIRENÓPOLIS, aos dezoito dias do mês de dezembro de dois mil e doze. 18/ 12/ 2012.

WILLIAM DE ASSUNÇÃO
Secretário de Administração

NIVALDO ANTÔNIO DE MELO
Prefeito Municipal

ANEXO E - Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO

**PROGRAMAÇÃO - FESTA DO DIVINO
2012
PIRENÓPOLIS - GOIÁS
IMPERADOR- RAFAEL SAMUEL NONATO
IMPERATRIZ-BENEDITA ALVES NONATO**



11 DE MAIO (SÁBADO)
15:00 H - SAÍDA DA FOLIA DO DIVINO DA CIDADE
E ZONA RURAL.

18 DE MAIO (SEXTA)
04:00H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.
05:00H-ALVORADA COM A BANDA DE MÚSICA PHOENIX.
12:00 H - REPIQUE DE SINOS, DESCARGA DE ROQUEIRAS
E TOCATA DA BANDA DE MÚSICA AO LADO DA IGREJA
MATRIZ

PARTE I

Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO

19:00 H - MISSA E INÍCIO DA NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, COM A PARTICIPAÇÃO DA ORQUESTRÁ E CORAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. APÓS A NOVENA, TOCATA COM A BANDA DE COURO PRÓXIMO À IGREJA MÃTRIZ E PRINCIPAIS RUAS DA CIDADE.

19 DE MAIO (SÁBADO)

04:00H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO, DESCARGA DE ROQUEIRAS.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

19:00 H - MISSA E 2º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

22:00 H - APRESENTAÇÃO DE GRUPOS FOLCLÓRICOS NA RESIDÊNCIA DO IMPERADOR.

20 DE MAIO (DOMINGO)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO, DESCARGA DE ROQUEIRAS.

12:00 H - REPIQUE DE SINO E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

15:00 H - CHEGADA DA FOLIA DA CIDADE E ZONA RURAL COM DESFILE PELAS RUAS, ENCONTRANDO NA CASA DO IMPERADOR.

19:00 H - MISSA E 3º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA MÃTRIZ SEGUIDA DE PROCISSÃO ATÉ A IGREJA DO BONFIM, LEVANDO AS BANDEIRAS DE SÃO BENEDITO E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, PARA LEVANTAMENTO DE MASTRO E QUEIMAS DE FOGOS E FOGUEIRAS, ACOMPANHADA PELA BANDA DE COURO.

21 DE MAIO (SEGUNDA)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

19:00 H - MISSA E 4º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, TOCATA COM A BANDA DE COURO AO LADO DA IGREJA MÃTRIZ.

22 DE MAIO (TERÇA)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS

19:00 H - MISSA E 5º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, TOCATA COM A BANDA DE COURO AO LADO DA IGREJA MÃTRIZ.

23 DE MAIO (QUARTA)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

PARTE II

Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

19:00 H - MISSA E 6º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, TOCATA COM A BANDA DE COURO AO LADO DA IGREJA MATRIZ.

24 DE MAIO (QUINTA)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

17:00 H - ENTREGA DE LANÇAS PELOS CAVALEIROS DAS CAVALHADAS AO IMPERADOR DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, EM SUA CASA.

19:00 H - MISSA E 7º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DE BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, TOCATA COM A BANDA DE COURO AO LADO DA IGREJA MATRIZ.

25 DE MAIO (SEXTA)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS.

19:00 H - MISSA E 8º DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, TOCATA COM A BANDA DE COURO AO LADO DA IGREJA MATRIZ.

21:30 HS. - THEATRO DE PIRENÓPOLIS - ENCENAÇÃO DO AUTO NATALINO "AS PASTORINHAS". PRODUÇÃO E DIREÇÃO ITA E ALAOR.

26 DE MAIO (SÁBADO)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

05:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE MUSICA PHOENIX.

12:00 H - REPIQUE DE SINOS E DESCARGA DE ROQUEIRAS, SAÍDA DOS MASCARADOS PELAS RUAS DA CIDADE.

18:30 H - PROCISSÃO COM A BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, SEGUIDA DA BENÇÃO À BANDEIRA.

19:00 H - ÚLTIMO DIA DE NOVENA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, LOGO APÓS PROCISSÃO ACOMPANHADA PELOS IRMÃOS DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, PARA LEVANTAMENTO DO MASTRO E O TRADICIONAL QUEIMA DE FOGOS DE ARTIFÍCIOS, ROQUEIRAS, GIRÂNDOLAS E ETC.

21:00 H - TEATRO DE PIRENÓPOLIS - REPRISE DO AUTO NATALINO "AS PASTORINHAS"

PARTE III



ORAÇÃO

VINDE, ESPÍRITO SANTO, E DO CÉU ENVIAR UM RAI DE VOSSA LUZ! VINDE PAI DOS POBRES; VINDE, DOADOR DOS BENS; VINDE LUZ DOS CORAÇÕES! CONSOLADOR SUPREMO, DOCE HÓSPEDA DA ALMA, SUAVEREFRIGÉRIO. NOS TRABALHOS SOIS REPOUSO. SOIS ALÍVIO NA DOR, E NAS LÁGRIMAS CONSOLO. Ó LUZ BELÍSSIMA ENCHEI ATÉ O ÍNTIMO DOS CORAÇÕES DOS VOSSOS FIÉIS! SEM A VOSSA GRAÇA NADA EXISTE NO HOMEM, NADA HÁ DE PURO: LAVAI TODA A MANCHA. REGAI TODA A ARIDEZ. SARAI TODA A FERIDA. ABRANDAI O QUE É RÍGIDO. AQUECEI O QUE É FRÍGIDO. ENCAMINHAÍ OS DESVIADOS! DAI-LHES O MÉRITO DA VIRTUDE; DAI-LHES A SALVAÇÃO FINAL E O GOZO PERENE. AMÉM!

Ó DIVINO ESPÍRITO SANTO, LUZ DOS CORAÇÕES.

ABRASAI A ALMA DOS VOSSOS DEVOTOS INFLAMANDO-A COM O DIVINO E PRECIOSÍSSIMO AMOR.

Ó VIRTUDE DA RESSURREIÇÃO, QUE O MUNDO NÃO TENHA PARTE EM MIM E QUE DURANTE A VIDA EU TE REVELE À TODOS.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
ESTÂNCIA AGNUS DAI- HOTEL FAZENDA
ADELMO IMÓVEIS - 20 ANOS
COPY CENTER

PARTE IV

Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO



27 DE MAIO (DOMINGO)

04:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE COURO.

05:00 H - ALVORADA COM A BANDA DE MÚSICA PHOENIX, SAINDO DA CASA DO IMPERADOR.

08:00 H - CORTEJO IMPERIAL. SAÍDA DO IMPERADOR OSTENTANDO A COROA E O CETRO, DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A IGREJA MATRIZ, JUNTAMENTE COM SEUS FAMILIARES. ACOMPANHA O CORTEJO: VIRGENS (MENINAS VESTIDAS DE BRANCO), A BANDA DE MÚSICA PHOENIX, SEGUIDA POR POPULARES.

09:00 H - MISSA SOLENE, CANTADA EM LATIM PELA ORQUESTRA E CORAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PIRENÓPOLIS.

10:30 H - SORTEIO DO NOVO IMPERADOR NO CONSISTÓRIO DA IGREJA MATRIZ.

11:00 H - CORTEJO LEVANDO O IMPERADOR ATÉ SUA RESIDÊNCIA AONDE SERÃO DISTRIBUÍDAS VERÔNICAS E PÃEZINHOS DO DIVINO

13:00 H - ABERTURA DAS TRADICIONAIS CAVALHADAS

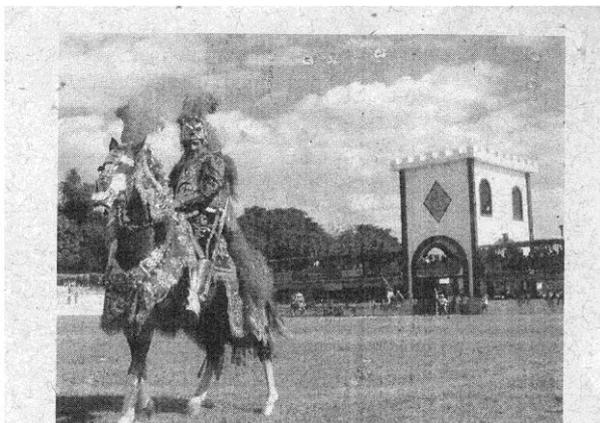
18:00 H - CORTEJO CONDUZINDO O IMPERADOR DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A IGREJA MATRIZ PELA BANDA DE MÚSICA PHOENIX

19:00 H - BENÇÃO E POSSE DO NOVO IMPERADOR

21:30 H - TEATRO DE PIRENÓPOLIS - ENCENAÇÃO DA PEÇA TEATRAL

PARTE V

Programação da Festa do Divino – 2012 – Pirenópolis/GO



28 DE MAIO (SEGUNDA)

08:00 H - REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - CORTEJO CONDUZINDO O REI E A RAINHA DE SUAS RESIDÊNCIA ATÉ A IGREJA MATRIZ ACOMPANHADOS PELAS BANDA DE MÚSICA, PHOENIX E DE COURO E O GRUPO DE CONGO

09:00 H - MISSA CANTADA - ORQUESTRA E CORAL
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

10:00 H - CORTEJO CONDUZINDO OS REIS DE VOLTA ÀS SUAS RESIDÊNCIAS

13:00 H - SEGUNDO DIA DE CAVALHADAS (BATISMO DOS MOUROS)

29 DE MAIO (TERÇA)

08:00 H - JUIZADO DE SÃO BENEDITO - CORTEJO CONDUZINDO OS JUIZES DE SÃO BENEDITO ATÉ A IGREJA MATRIZ, ACOMPANHADOS PELA BANDA DE MÚSICA, PHOENIX E DE COURO E O GRUPO DE CONGO

09:00 H - MISSA CANTADA - ORQUESTRA E CORAL
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

10:00 H - CORTEJO CONDUZINDO OS JUIZES DE SÃO BENEDITO, REI E RAINHA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO ATÉ SUAS RESIDÊNCIAS

13:00 H - ULTIMO DIA DE CAVALHADAS (CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE MOUROS E CRISTÃOS). APÓS O ESPETÁCULO OS CAVALEIROS SEGUEM ATÉ A PORTA DA IGREJA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM, PARA A ORAÇÃO FINAL DE AGRADECIMENTOS E A ULTIMA SALVA DE TIROS.

PARTE VI